

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

KAMILA FERREIRA DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DA CULTURA QUILOMBOLA NAS NARRATIVAS DE
VIDA DA MATRIARCA DONA JUSCELINA E DOS ANCIÕES DE
MURICILÂNDIA**

ARAGUAÍNA 2017

KAMILA FERREIRA DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DA CULTURA QUILOMBOLA NAS NARRATIVAS DE
VIDA DA MATRIARCA DONA JUSCELINA E DOS ANCIÕES DE
MURICILÂNDIA**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao curso de Letras da
Universidade Federal do Tocantins, sob
orientação da professora Mestre Naiana
Siqueira Galvão.

ARAGUAÍNA, 2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do
Tocantins**

- 5237r Santos, Kamila Ferreira dos.
Representações da cultura quilombola nas narrativas de
vida da matriarca dona Juscelina e dos anciões de Muricilândia.
/ Kamila Ferreira dos Santos. - Araguaína, TO, 2017.
63 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins
- Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês,
2017.
Orientador: Naiana Siqueira Galvão

1. Quilombo. 2. Dona Juscelina. 3. Representação social. 4.
Narrativas de vida. I. Título

CDD 420

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KAMILA FERREIRA DOS SANTOS

REPRESENTAÇÕES DA CULTURA QUILOMBOLA NAS NARRATIVAS DE
VIDA DA MatriARCA DONA Juscelina e dos ANCIÕES DE
MURICILÂNDIA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, sob orientação da professora Mestre Naiana Siqueira Galvão.

Aprovada em: 06/10/2017

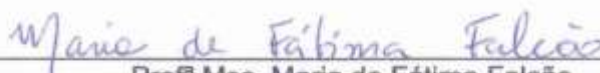
BANCA EXAMINADORA



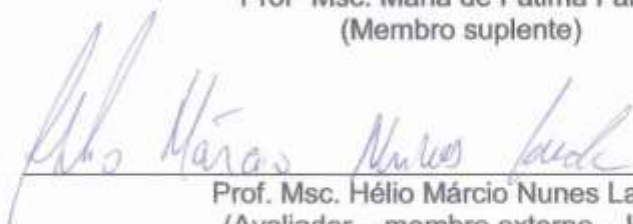
Profª Msc. Naiana Siqueira Galvão
(Orientadora UFT)



Profª Msc. Denise Landim
(Avaliador – membro interno – UFT)



Profª Msc. Maria de Fátima Falcão
(Membro suplente)



Prof. Msc. Hélio Márcio Nunes Lacerda
(Avaliador – membro externo – IFTO)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, à minha comunidade quilombola e às
pessoas que contribuíram com a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora professora Naiana Galvão pelas presentes orientações, e pela dedicação em tornar possível a escrita desse trabalho de conclusão de curso.

À minha família pelo apoio.

Às pessoas envolvidas que dedicaram um tempo para auxiliar na produção desse trabalho.

Agradeço ao professor Roberval Rodrigues pela disposição em auxiliar essa pesquisa.

Agradeço a minha comunidade quilombola na pessoa do professor Manoel Filho Borges, pela disponibilidade.

RESUMO

Considerando que a temática dessa pesquisa foi escolhida através da necessidade de observar e registrar as narrativas do povo quilombola Dona Juscelina. Analisando como os valores e ensinamentos aprendidos e transmitidos pela matriarca e os demais anciões deste quilombo estão sendo seguidos pela comunidade vigente, e intentamos por questionar: de que forma as narrativas de vida da matriarca dona Juscelina influencia e representam os sujeitos quilombolas do município de Muricilândia? Dessa maneira, analisamos as formas de representações sociais de quilombo elegidas ao longo dos processos narrativos das histórias de vida da matriarca e dos anciões coletados mediante a técnica e metodologia da História Oral (THOMPSON, 1992). Observamos que os sujeitos quilombolas seguem os ensinamentos de dona Juscelina na prática contínua, ocorrendo através dos eventos, das danças, das músicas, do festejo da abolição e mediante as rodas de conversas dos anciões narrando suas histórias. É plausível dizer que na memória de muitos colaboradores interpelados acerca do tema, dona Juscelina é a representação significativa de ser quilombola, de transpor as marcas da resistência e da luta de seus antepassados materializado nos festejos, nas reuniões e nas ações diárias -aconselhamentos -, projetando nas pessoas desse município valores de pertencimento de ser/estar (no) quilombo. O conhecimento acadêmico da universidade junto a comunidade criam laços de emancipação, sem hierarquizar ou eleger conhecimento científico ou o cultural da comunidade quilombola.

Palavras chaves: Quilombo; Dona Juscelina; Representação Social; Narrativas de vida.

ABSTRACT

Considering that the theme of this research was chosen through the need to observe and record the narratives of the people Quilombola Dona Juscelina. Analyzing how the values and teachings learned and transmitted by the matriarch and the other elders of this quilombo are being followed by the current community, we question: in what way the life narratives of the matriarch Dona Juscelina influence and represent the quilombola subjects of the municipality of Muricilândia? In this way, we analyze the forms of social representations of quilombo chosen throughout the narrative processes of the matriarch's life histories and the elders collected through the technique and methodology of Oral History (THOMPSON, 1992). We observe that the quilombola subjects follow the teachings of Dona Juscelina in continuous practice, occurring through events, dances, songs, the celebration of the abolition and through the wheels of conversations of the elders narrating their stories. It is plausible to say that in the memory of many collaborators on the subject, Dona Juscelina is the significant representation of being a quilombola, of transposing the marks of resistance and struggle of her ancestors materialized in the celebrations, meetings and daily actions - projecting in the people of this municipality values of belonging to be/be (in the) quilombo. The academic knowledge of the university with the community creates bonds of emancipation, without hierarchizing or electing scientific or cultural knowledge of the community quilombola.

Key words: Quilombo; Dona Juscelina; Social Representation; Narratives of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Quadro 1: Síntese dos colaboradores da pesquisa.....	27
Quadro 2: Ancoragem e Objetificação	32
Imagem 1: Apresentação cultural do quilombo Cocalinho, no dia 12 de maio de 2017.	47
Imagem 2: Teatro da Abolição no dia 13 de maio de 2017.	48
Imagem 3: VI Seminário de Cultura Afro-brasileira e Quilombola, nos dias 11 e 12 de maio de 2017.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. DE PALMARES À MURICILÂNDIA DO TOCANTINS: BRASIL E SEUS QUILOMBOS	12
1.1 Historiografia do quilombo brasileiro: os precursores.	12
1.2 A luta continua: conhecendo o norte Goiano e seus quilombos.	15
1.3 Muricilândia: quilombo ou zona urbana?.....	18
2. PENSANDO METODOLOGICAMENTE A PESQUISA	23
2.1 Pesquisa qualitativa e história de vida.	23
2.2 Participantes da pesquisa, perfis e o método da história oral	24
2.3 Permeando brevemente pela TRS (Teoria da Representação Social) ...	30
3. TRADIÇÕES, ENSINAMENTOS E NARRATIVAS DE VIDAS: COMPREENDENDO AS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO QUILOMBOLA DONA JUSCELINA, MURICILÂNDIA – TO.	33
3.1 E quem nos conta as histórias? Entre rodas de conversas, lá está o ancião.	33
3.1.1 Dona Cicera Vieira Almeida.....	34
3.1.2 Senhor Manoel Pereira Borges dos Santos.....	35
3.1.3 Dona Luiza Borges de Oliveira	38
3.1.4 Dona Eduarda Ribeiro Balagão	39
3.1.5 Dona Lucelina Gomes dos Santos.....	40
3.2 E tem mais para nos contar? Os quilombolas de Muricilândia.....	42
3.2.1 Senhor Manoel Filho Borges	43
3.2.2 Senhorita Ludimila Carvalho dos Santos	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51
FONTES ORAIS	55
ANEXOS	56
Anexo 1: Roteiro de perguntas	56
Roteiro de perguntas: Questionário 1	56
Roteiro de perguntas: Questionário 2	58
Anexo 2: Termo de consentimento	61

INTRODUÇÃO

No anseio por conhecimento acerca da minha comunidade quilombola, senti a necessidade de realizar essa pesquisa. Como quilombola negra, que viveu sempre em Muricilândia, observei uma certa ausência dos jovens com relação aos interesses de luta da/para a comunidade.

No decorrer da pesquisa foi possível aproximar-me mais da realidade do quilombo, conhecer as histórias do município e da comunidade, dos anciões e dos outros quilombolas. A principal motivação foi a produção de um trabalho que trouxesse conhecimento acadêmico e social próximo da minha vida e minha prática como sujeito quilombola, motivo esse que tornaria esse trabalho mais significativo para mim.

A temática foi escolhida através da necessidade de observar e registrar as narrativas desse povo, analisar como os valores e ensinamentos apreendidos e transmitidos pela matriarca e os demais anciões deste quilombo estão sendo seguidos, encaminhados em nossa comunidade.

Pela falta de registro acerca das narrativas das comunidades remanescentes de quilombos, alguns jovens e membros da comunidade acabam colocando de lado esses grupos em virtude de que as pessoas esquecem essas histórias, ou a forma como essas histórias são contadas, dando privilégios para uns e outros não. Portanto essa pesquisa tem o interesse de levar a comunidade quilombola enfocada a refletir, a procurar a valorização e a permanência da sua cultura através das narrativas de vida da matriarca e dos anciões do Quilombo Dona Juscelina.

O trabalho foi pensado sob essa perspectiva, que se trata de uma perspectiva qualitativa por envolver uma investigação social do sujeito, de tratar as subjetividades e valores sociais. Dessa forma, está dividido em três capítulos. **De Palmares à Muricilândia do Tocantins: Brasil e seus quilombos** é o título do primeiro capítulo, que traz o nome de alguns quilombos brasileiros, dentre eles o de Palmares que como uma forma de resistência contra a escravidão, inspirou tantos outros a continuarem buscando a valorização do negro e do seu espaço social numa sociedade direcionada para as práticas de segregação, racismo e marginalização.

No segundo capítulo, **Pensando metodologicamente a pesquisa**, são abordados os encaminhamentos metodológicos, com base na pesquisa

qualitativa, tendo como suporte o método da história oral como coleta dessas narrativas de história de vidas dos anciões sendo sustentada pelas análises da Teoria da Representação Social de Serge Moscovici (2003).

Finalmente o terceiro capítulo, **Tradições, ensinamentos e narrativas de vidas: compreendendo as representações do sujeito quilombola de Muricilândia**, são colocadas as narrativas inter cruzando os pensamentos e memórias dos colaboradores, tanto dos anciões quanto dos sujeitos pertencentes ao quilombo Dona Juscelina.

Pois, por meio dessa tessitura de vozes buscar analisar representações sociais, a forma como cada um se identifica como quilombola, os elementos que elegem nas narrações, corroborassem para as concepções representativas de ser/estar quilombo(la).

1. DE PALMARES À MURICILÂNDIA DO TOCANTINS: BRASIL E SEUS QUILOMBOS.

Nesse primeiro capítulo, objetivamos listar alguns quilombos brasileiros, iniciando com Palmares listamos outros mais, passando pelo norte Goiano, até iniciarmos com a história da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Em **Historiografia do quilombo brasileiro: os precursores**, fazemos um breve resumo de alguns quilombos, dentre eles o que teve uma grande influência sobre outros tantos, o de Palmares, pois inspirou-os a continuarem buscando a valorização do negro.

No tópico **A luta continua: conhecendo o norte Goiano e seus quilombos**, apresentamos uma visão de alguns dos quilombos que percorreram os atuais estados de Goiás e Tocantins.

No terceiro momento nomeado **Muricilândia: quilombo ou zona urbana?**, tratamos sobre a história do quilombo pesquisado, bem como a cultura da comunidade em questão, e a realidade do mesmo, na busca pela conquista do território.

1.1 Historiografia do quilombo brasileiro: os precursores.

A trajetória do negro no Brasil, desde o principio, foi cercada de esforços para conseguir igualdade perante os brancos, nesse contexto de luta, os quilombos surgiram como uma forma de resistência à escravidão, e representam uma expressão de combate as desigualdades existentes na sociedade.

Os Quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil, em resistência ao sistema colonial-escravista, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais do país, sob a inspiração, liderança e orientação políticoideológica de africanos escravizados e de seus descendentes de africanos nascidos no Brasil. O processo de colonização e escravidão no Brasil durou mais de 300 anos. O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão, através de uma lei que atirou os ex-escravizados numa sociedade na qual estes não tinham condições mínimas de sobrevivência (SIQUEIRA, s.d., p.3).

Do processo de colonização até a assinatura da lei Áurea foram muitos anos de escravidão para o negro, que por diversas vezes revoltou-se de várias maneiras, e uma delas foi a fuga, que originou os quilombos, destes o mais famoso é o de Palmares, que se estabeleceu no início do século XVII com escravos fugitivos, se localizava em Pernambuco, na zona da mata, cerca de

sessenta quilômetros ao leste do litoral. Palmares era composto por aldeias. Entre 1670 e 1687 o quilombo de Palmares foi governado por Ganga Zumba, ele vivia na principal fortaleza chamada Macaco.

O quilombo mais importante que existiu no Brasil foi Palmares, que se organizou por volta de 1597 na Serra da Barriga, que era então território da capitania de Pernambuco e hoje é parte do Estado de Alagoas. Palmares conseguiu resistir aos brancos por quase 100 anos e, no período mais importante de sua história, durante 30 anos, conseguiu manter vivendo ali cerca de 30 mil pessoas (BRASIL, 2001, p.20).

Os fugitivos em sua maioria tinham sido trazidos da África onde localiza-se atualmente Angola e Zaire. O Brasil realizou diversas expedições contra Palmares, em 1657 Zenóbio Accioly comandou uma missão de reconhecimento a Palmares. Em 1672 Cristóvão Lins liderou uma nova expedição, pouco tempo antes disso Antonio Bezerra atacou Palmares (FUNARI, 1996).

Manoel Lopes¹ em outra expedição achou uma grande área arenosa com uma boca-forte contendo mais de duas mil casas, esse local foi destruído, os habitantes em sua maioria conseguiram fugir e estabelecer um novo quilombo na mata cerrada, o sobrinho do rei Ganga Zumba atuou nessa batalha com grande destaque.

O nome Ganga-Zumba “quer dizer Senhor Grande – Rei e Senhor de todos os que são de Palmares, e dos que chegam” (SIQUEIRA, s.d., p.10). Zumbi, sobrinho do rei, foi, “o general das armas, cujo nome significa DEUS DAS ARMAS, negro de singular valor, grande ânimo, constância admirável, e inimigo capital da dominação dos brancos” (SIQUEIRA, s.d., p.10).

Zumbi era sobrinho do rei, foi proclamado rei após a prisão de dois filhos de Ganga Zumba e de haver celebrada paz entre portugueses e emissários de Palmares, acordo esse que não foi aceito por alguns líderes do quilombo (FUNARI, 1996). Após isso foram 15 anos de violência na história de Palmares. Em 1694 a fortaleza de Macaco foi atacada, duzentos quilombolas foram mortos e outros quinhentos foram capturados e vendidos, Zumbi conseguiu fugir.

Mas no dia 20 de novembro de 1695 foi capturado executado e sua cabeça exposta em local público como um terrível memorial: os escravos devem obedecer ao sistema escravista, e não desafiar-lo (FUNARI, 1996, pp.32-34).

¹ Manoel Lopes Diniz nasceu em 1709, em Marecos, Portugal. Foi explorador, colonizador e fazendeiro do sertão, faleceu em 1792.

No século XVII a descoberta do ouro como observa Guimarães (1996) teve na escravidão uma das formas importantes de organização do trabalho. No século XVIII, em Minas Gerais os quilombos estabelecem uma das mais completas e complexas formas de reação à escravidão. Havia entre os escravos rebeldia constante contra processo de escravidão, com isso era temido o surgimento de um novo Palmares nas Minas Gerais, pois havia uma grande quantidade de escravos na região.

Entre 1737 e 1738 nas Minas Gerais foram destruídos após serem descobertos catorze quilombos. Então percebe-se que a existência de quilombos na região era muito forte. A sociedade mineira colonial instituiu Palmares como um símbolo de rebeldia escrava que deveria ser atacada na intenção de não se repetir. “Implicitamente, as autoridades coloniais reconheciam que Palmares funcionava como símbolo e era tanto exemplo do que deve ser combatido como, para escravos, exemplo a ser seguido” (GUIMARÃES, 1996, p.160). Palmares ainda é um exemplo de força e luta para demais quilombos que foram surgindo.

No período de 1807 a 1809 diferentes grupos de africanos escravizados organizaram uma sociedade secreta denominada Og Boni, com o objetivo de lutar contra a escravidão. No decurso de vários embates, entre avanços e repressões, no ano de 1826, muitos adeptos deste combate organizam-se para criar o Quilombo do Urubu, situado nas proximidades de Salvador, que teve como principal líder uma mulher chamada Zeferina (SIQUEIRA, s.d., p.5).

Na Bahia um quilombo com grande significância foi Buraco do tatu, em Ituapuã. No Maranhão surgiram os quilombos Mocambo Frechal – Mirinzal, Turiaçu, Maracasumé e Pericumã. Em São Paulo na região montanhosa de Santos, formou-se o quilombo Jabataquara. No Rio Grande do Sul, Serra Geral, Serra dos Tapes e Comizão, são os quilombos mais reconhecidos. No estado de Minas Gerais os quilombos Ambrósio, Sapucaí e Jabuticatubas (SIQUEIRA, s.d.).

Além desses, muitos outros quilombos foram criados por escravos fugitivos. Na região de Goiás também havia quilombos como forma de opor-se a escravidão. Mesmo sendo por vezes descobertos e destruídos os quilombos continuaram resistindo à escravidão.

Os quilombos foram construídos como uma unidade básica de resistência do negro contra as condições de vida impostas pelo sistema escravista. Hoje, os quilombos constituem um legado material e imaterial de resistência com os quais os quilombolas

desenvolvem e reproduzem modos de vida característicos num determinado lugar (SILVA, 2012, p.12).

Com um legado de força contra o árduo processo de escravidão, o quilombo continua reagindo ao longo dos anos, com surgimentos de tantos outros por todo o país. Na região, onde atualmente é Goiás e Tocantins com o escravismo de negro, as revoltas e fugas levaram a aparição de comunidades quilombolas, algumas residem até hoje como remanescentes.

1.2 A luta continua: conhecendo o norte Goiano e seus quilombos.

É possível que a década de 1720 marcasse o início do quilombismo em Goiás, acredita-se que os africanos fugitivos da Bahia, Maranhão e Pernambuco seguiram o percurso do sertão para o norte e nordeste de Goiás. Os quilombos no Goiás foram importantes para a expansão de comunidades negras independentes, que se mantinham através do cultivo de alimento e mineração de ouro. Um importante quilombo na região de Goiás foi Kalunga, formado por escravos fugitivos e índios que viviam na região.

Kalunga não se formou só em contato com os índios, naqueles primeiros tempos. Mais tarde, houve outros negros que foram viver naquela região. E também eles acabaram por se juntar com os descendentes dos quilombolas fugidos dos garimpos de Goiás. Quem eram esses negros? Eram os que, no século XIX, se mudaram para aquelas serras e ali foram abrir fazendas ou viver em pequenos sítios, quando a mineração decaiu (BRASIL, 2001, p.27).

Os quilombos colaboraram para exploração de riqueza mineral na capitania de Goiás, pois em sua maioria, no século XVIII, eram escravos fugitivos de garimpos. Eles permaneciam praticando esse ofício em morros distantes. É possível que eles trocassem esse ouro por mercadorias e cartas de alforria, o que levou muitos a desvendarem minas.

A formação de comunidades camponesas livres no estado de Goiás e Tocantins foram desempenhadas pelos quilombos que cultivavam roças, pescavam e caçavam. Além do fato de estarem distantes das forças coloniais militares que eram responsáveis pela destruição de quilombos.

Eram mais frequentes revoltas quilombolas escravas quando os escravos ultrapassavam o número de senhores, pois segundo Mary Karasch em algumas cidades mineradoras o número de negros ultrapassava 70% da população.

Nas cidades mineradoras, tais como Crixás, Pilar, Tocantins e Arraias, onde os quilombos mais davam trabalho aos portugueses,

70% ou mais da população seria definida como constituída por 'pretos' (KARASCH, 1996, p.241).

Em 1779 Tocantins tinha uma população de negros de 70,7%, Arraias 70,4% e Natividade 62,1%. “No início do século XVIII, os africanos eram comumente importados para trabalhar nas minas de ouro de Goiás e para lá viajavam em comboios que partiam de Salvador e Rio de Janeiro” (KARASCH, 1996, p.242). Maus tratos nas minas levaram os africanos a se rebelar, a fugir e formar suas comunidades.

O atual Estado do Tocantins teve duas importantes rotas migratórias durante o período da escravidão negra. Uma entrada pela região sudeste, na busca de ouro: a rota do ouro; e outra pela região norte, na busca de pastos naturais para a criação de gado: a rota do gado (APA, 2014, p.4).

O tipo de terreno favorecia a formação de quilombos no Goiás e Tocantins. As fugas eram facilitadas pelo rio, quando os escravos escapavam de canoa ou jangada utilizavam como suporte os rios Araguaia, Tocantins e Paranaíba ao sul. Três escravos fugiram pelo rio Tocantins em 1723, estes escaparam das minas de Goiás e foram os primeiros a percorrerem todo o rio, além dos índios. Os escravos fugiam para os manguezais, ilhas, montanhas, chapadas perto de Arraias, para a Serra Dourada², esses escravos tinham muitos locais de refúgio para iniciarem suas comunidades, como: florestas ricas, ilhas escondidas.

O número de quilombos no Goiás é impreciso, “embora possamos conhecer as razões de ter sido possível a formação de quilombos em Goiás, seu número exato é desconhecido” (KARASCH, 1996, p.245). Esses grupos no Goiás eram temporários, pois eles trocavam de lugar quando o ouro acabava ou a terra tornava-se menos fértil.

Por meio de estudos foram identificados locais de alguns desses quilombos do século XVIII. Uma importante região com concentração de quilombos no norte de Goiás “era possivelmente a do vale do rio Paraná e as montanhas vizinhas, como a serra do Mocambo³” (KARASCH, 1996, p.249). A comarca do Norte era uma das regiões mais ricas em mineração, com grande quantidade de escravos, acreditava-se que os quilombos surgiam nas áreas de montanhas e vilas mineradoras em São Félix, Natividade, Arraias e Cavalcante.

² Com área aproximada de 30.000 hectares a Serra Dourada está localizada no estado de Goiás.

³ O povoado de Mocambo está localizado próximo da Serra das Traíras nos estados de Tocantins e Goiás.

Na comarca do Sul de Goiás, as regiões próximas das povoações mineiras de Pilar, São José do Tocantins e Muquém também eram importantes territórios de quilombos. Havia outros quilombos ao sul de Goiás, em direção ao norte do rio Paranaíba.

É certo que diversos obstáculos foram enfrentados por esses grupos no Goiás, como, a dificuldade de sobrevivência nas matas, no entanto a perseguição era o maior dos obstáculos.

Os predadores humanos, entretanto, representavam a maior ameaça aos quilombos. As bandeiras, os capitães-do-mato e nações indígenas frequentemente os atacavam, incendiando-lhes as casas e plantações e os devolvendo à escravidão (KARASCH, 1996, p.253).

Esses três grupos perseguiram e por diversas vezes matavam os quilombolas na região do Goiás. Os escravos fugitivos que formavam quilombos, apesar de terem sido capturados e mortos, conseguiam “[...] evitar a repressão e a recaptura, formando pequenas comunidades que perduram até o presente nos atuais estados de Tocantins e Goiás” (KARASCH, 1996, p.258). Muitos quilombos resistiram nessas regiões, formaram comunidades independentes, e ainda deixaram outras remanescentes.

A luta desse grupo foi e é constante, no início por sobrevivência, hoje a luta de muitos é por um território, e pelos seus direitos que foram tirados ao longo de um doloroso processo de escravidão. O negro sempre esteve à margem da sociedade, e pelo direito à liberdade fugiu e desbravou terras enfrentando senhores brancos, sendo capturados e mortos. E ainda assim, hoje, depois de muito tempo os reparos são poucos pelo Estado, as políticas públicas ainda são esparsas, visto o tanto de sofrimento e aprisionamento seculares do povo afro(descendente). Os quilombolas remanescentes em grande parte não têm ao menos direito à terra que seus antepassados desvendaram em busca de refúgio.

A luta pela preservação e reconhecimento legal das terras que residem os descendentes dos moradores dos antigos quilombos foi um desafio ao longo do século XX. Mesmo antes da promulgação da Constituição Brasileira de 1988, alguns dos remanescentes dos quilombos já enfrentavam demandas judiciais em alguns Estados do Brasil visando evitar que fazendeiros e empresas conseguissem judicialmente ou pelo uso da força, as terras historicamente ocupadas por seus antepassados quilombolas (SILVA e SILVA, 2014, p.195).

Reverendo a história dos quilombos, o processo de luta é semelhante aos séculos anteriores. A priori, os quilombos travavam batalhas pela sobrevivência humana, hoje, a pauta é por adquirir reconhecimento legal por parte do

governo, ter as bases das tradições preservadas e lutar constantemente contra o posicionamento de racialização instituídos na sociedade.

1.3 Muricilândia: quilombo ou zona urbana?

Ao longo do tempo a história do negro no Brasil é cercada de sofrimento. A libertação dos escravos em 1888 não extinguiu a escravidão, e não melhorou a vida do negro.

Essa herança dos ancestrais negros aos seus descendentes é uma justificativa para as políticas públicas implantadas a partir de Leis como a 10.639/2003 e 12.711/2012, dentre muitas outras, criadas como uma espécie de reparação de perdas dos negros ao longo da história, como meio de permitir, embora que tardiamente, direitos que foram tirados dos seus ancestrais como a educação e a possibilidade de se obter uma vida melhor, e ainda, a possibilidade da promoção efetiva da igualdade de raça e cor (SOUSA e FREITAS, 2015, p.5).

Na constituição Federal de 1988 o governo garantiu proteção às manifestações afro-brasileiras. Com a intenção de preservar os valores culturais dos negros, a Fundação Cultural Palmares amparada pela Constituição Federal de 1988 assegura que:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. (EC no 48/2005)
 § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional (BRASIL, 1988, p.124).

O Governo Federal criou a Fundação Cultural Palmares, que é ligada ao Ministério da Cultura, foi fundada em 22 de agosto de 1988, como uma instituição voltada para promoção e preservação da cultura afro-brasileira. A fundação é responsável pela emissão de certidões que reconhecem os direitos das comunidades quilombolas e também dá acesso a programas sociais do Governo.

Os acessos aos programas sociais do governo que as comunidades quilombolas têm são adquiridos a partir da certidão emitida pela Fundação Palmares. A fundação era responsável, pelo reconhecimento e titulação das terras quilombolas, terras essas que foram perdidas ao longo do tempo, mas desde 2003 essa responsabilidade passou a ser do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Além de titular o INCRA deve delimitar os territórios quilombolas, conforme decreto 4.887 de 2003, a competência de titulação e delimitação de territórios quilombolas passou a ser do INCRA.

Em todo território brasileiro até 25 de abril de 2017 eram 2,494 certidões emitidas e 2,958 comunidades remanescentes de quilombos. Dos remanescentes no Brasil, o Tocantins possui 44 comunidades. Dentre essas, destacamos a Comunidade Quilombola Dona Juscelina, reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 2010.

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina, é uma associação que tem como atividade a defesa de direitos sociais de seus integrantes. Está localizada dentro do município de Muricilândia que com uma população, estimada pelo IBGE, em 2016, de 3,470 habitantes e uma área territorial de 1.186,670 km². Dessa população de 3,470 habitantes apenas cerca de 800 são pertencentes a essa comunidade quilombola.

Esse quilombo é de carácter urbano por estar junto ao INCRA compondo o processo de titulação. Pensando no aspecto histórico dos quilombos e as razões pelas quais os mesmos foram surgindo, lançamos o questionamento em relação ao quilombo Dona Juscelina localizado no município de Muricilândia: o carácter de quilombo emana por meio do povo ancestral, os ex-escravos, e seus descendentes ou somente através da oficialização de um órgão do governo que atesta as reais origens desse povo? Questões como estas serão abordadas ao longo dessa pesquisa e os encaminhamentos dialógicos serão construídos pelas narrativas de vida dos descendentes dos ex-escravos do quilombo Dona Juscelina.

Por meio de narrativas da população local recolhida para realização dessa pesquisa, descobriu-se que a referida região foi descoberta por um grupo de romeiros⁴.

Segundo versão contada pelos pioneiros da cidade, esta teve início em 20 de agosto de 1952 quando cerca de 6 romeiros que acompanhavam uma beata Antonia Barros de Sousa, devota de Padre Cícero Romão Batista, de Juazeiro do Norte/CE, considerado santo pelos romeiros e até pouco tempo excomungado pela igreja católica, o qual teria aparecido em uma visão da beata e lhe indicara pegar seus familiares, deixar o lugar onde vivia e ir para as matas nas imediações do Povoado do Lontra, atual cidade de Araguaína/TO, e encontrar um morro e um cruzeiro santos (SOUSA, 2016, pp.4-5).

Os primeiros habitantes chegaram na região em 1952 acompanhando Antonia de Barros Sousa que afirmava ter tido uma visão com uma cruz em cima de um morro, que localiza-se no município de Aragominas, mais

⁴ Romeiros são fiéis e devotos de alguma santidade. No caso destes romeiros eles eram devotos de padre Cícero.

conhecido como Pé do Morro. Esses romeiros chegaram nessa localidade onde encontraram a cruz descrita pela senhora Antonia. Logo o grupo dividiu-se e alguns acompanharam João Francisco de Souza⁵.

Então é depois desse momento que se inicia a história de Muricilândia, alguns irão dizer que o quilombo também inicia-se com a chegada dos primeiros habitantes, ou até mesmo antes com a história de vida dos mesmos, todos negros. E ainda há aqueles que dirão que o quilombo surge com a pessoa de Lucelina Gomes dos Santos⁶.

Acerca das narrativas contadas tem-se uma noção do tipo de habitantes que viviam no município, eram romeiros de Padre Cícero⁷, pessoas religiosas. Dona Juscelina, chega a Muricilândia juntamente com a família em 1962, *“Cheguei, saí de lá, cheguei aqui no dia 12 de outubro de 62. E em 68 eu fiz a festa, primeira festa aqui, no, dentro da comunidade”* (LUCELINA, 2017, ENTREVISTA). E, certamente, muitos da comunidade e do município dirão que o quilombo surgiu a partir desse acontecimento. Ludimila Carvalho dos Santos⁸, uma de nossas colaboradoras, menciona como decorreu o início do quilombo a seguir:

LUDIMILA: [...] ela chegou aqui trazendo história, sua, sua grande repercussão em sua vida, e o mais importante ela chegou aqui trazendo esse evento pra comunidade.

KAMILA: Pra ti o quilombo começou com ela [palavra inaudível]?

LUDIMILA: O quilombo começou com essa festa, porque como a festa trazia aquele calor da abolição, como a festa trazia a resistência do negro, trazia a libertação, a liberdade, então quer dizer que a história começou aí (LUDIMILA, 2017, ENTREVISTA).

Dona Juscelina teve desde os 20 anos de idade a incumbência de continuar realizando a festa de comemoração da libertação dos escravos, que segundo ela própria, teria herdado de seu tio, o festejo da abolição da escravatura, chamado pelos primeiros habitantes de rebolado, devido ela sair nas ruas cantando e dançando músicas de alforria, uma das mais típicas cantadas na festa é essa:

Salve a princesa Isabel

⁵ João Francisco de Sousa, popularmente conhecido como João Paulino, nasceu em 1920 em Bertolina no Piauí.

⁶ Lucelina Gomes dos Santos, é mais conhecida como dona Juscelina, nasceu em Nova Iorque no Maranhão em 1931 e mora em Muricilândia desde 1962. Filha de Raimunda Gomes dos Santos e Dionizio Lianel dos Santos. É a matriarca da comunidade quilombola pesquisada.

⁷ Padre Cícero Romão Batista nasceu em Crato no Ceará no dia 24 de março de 1844. Era filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana, morreu em 20 de julho de 1934.

⁸ Ludimila Carvalho dos Santos, estudante, nasceu em 14 de abril de 2003. Filha de João Filho, neta de João e bisneta de Joaquina, uma das primeiras habitantes de Muricilândia.

Salve a princesa Isabel
 Deu liberdade a todos
 Foi no dia 13 de maio
 Preto não é mais lacaio
 Preto não tem mais senhor
 Foi no dia 13 de maio
 Preto não é mais lacaio
 Preto não tem mais senhor
 Desde o dia em que a princesa assinou
 A Lei Áurea concedendo abolição
 Preto teve o direito de ser cidadão
 Hoje o preto pode ser doutor
 Deputado e senador
 Não há mais preconceito de cor⁹

Dona Juscelina além da festa da Abolição, no dia 13 de maio, realiza no município a festa do Divino e a folia de Santo Reis. Atuou como parteira por 25 anos realizou mais de 500 partos, possuindo assim muitos ‘filhos e filhas’ nascidos por suas mãos, criando uma relação próxima com essas crianças que passavam a chamá-la de ‘mãe Jus(celina)’.

Entretanto, algo que a destaca intrinsecamente é a maneira pela qual vem demonstrando para a comunidade a comemoração da libertação dos escravos ocorrida em 1888 com a festa do 13 de Maio.

E se tratando dos tramites oficiais, este quilombo, como organização juridicamente legal, é recente. A comunidade ainda não tem um território legal, portanto estes quilombolas estão espalhados pela cidade, segundo a matriarca são 236 famílias. Manoel Filho Borges¹⁰ conta como foi o processo de reconhecimento da comunidade, em entrevista realizada com ele no dia 18 de Maio:

Eu tava, eu tava dando aula no, no isso foi no mandado do seu Rubem, eu tava dando aula, no, no colégio, no Estadual pela manhã, aí de repente chegou lá um o Junio, Alécio Junio que é sobrinho do seu Rubem, veio, na época esse rapaz, ele era da Secretária de Cidadania e Justiça do Estado, e aí foi, foi logo após, já tinha passado, a, a constituição tinha sido aprovada no governo do Lula e aí começou aquele incentivo pra, de, como é que poderia ser? De reparação, num é? A, a, aos danos que o negro sofreu no passado, o governo tava, tava é proporcionando alguns benefícios, né? Só que para o negro ter acesso ele tinha que está organizado em comunidade, o negro, o negro só, individual num conseguia acessar aquilo, e é, e fez parte da política da Secretaria de Cidadania e Justiça essa, esse, esse o projeto, né? E aí chegou aqui na prefeitura um senhor chamado Luiz Benedito, que estava aqui esse ano na nossa festa, o professor Luiz [...] Aí foi conversando me passou a história, que tinha essa possibilidade se os negros quisesse se

⁹ Dona Juscelina diz ter criado essa música para cantar no seu festejo, a mesma é em louvor a princesa Isabel, a música faz parte do repertório cantado pela comunidade.

¹⁰ Manoel Filho Borges é Natural de Muricilândia –TO, trabalha na secretária da educação do município, nasceu em 02 de setembro de 1972.

organi, procurou um vínculo com a história que eu contei, aí disse se vocês quiserem organizar aqui uma comunidade quilombola tem como, reuni os negros, aí foi falar todo o processo como é que era (MANOEL FILHO, 2017, ENTREVISTA).

Manoel Filho conta que quando falou-se em quilombo o que veio a memória foi o festejo do dia 13 de Maio. Para ele, dona Juscelina tem o conhecimento necessário para ser a matriarca do quilombo pautando-se nas seguintes razões:

O primeiro contato que nós tivemos foi em 2006, a primeira vez que ele veio aqui foi em 2006, trazendo essa ideia, né? Mas, mas aí só que ele veio, eu levei ele lá na casa da dona Juscelina, aí porque quando que ele falou de, de quilombo o que quê me veio à memória? Da, da festa do rebolado [...] Aquela, aquela festa que ela realizava todos o ano, uma mulher que, que durante o ano tinha varias festividade: Divino, é a Folia de Santo Rei, o 13 de Maio. Então na minha mente veio logo aquilo, eu falei: Essa é a mulher. Entendeu? E já levamo. Porque poderia ter ido pra outra pessoa, né? [...] Mas nenhum desses outros tinha esse, esse, essa bagagem de, de conhecimento relacionando a esse tipo de cultura (MANOEL FILHO, 2017, ENTREVISTA).

É evidente que seja difícil entender como funciona a cultura desse quilombo localizado dentro de um município. Mas, para Manoel Filho, dona Juscelina é uma pessoa com grande conhecimento cultural que foi suficiente para elegê-la matriarca. E nesse contexto é possível entender que ela traz uma cultura característica de sua pessoa, algo que a diferencia dos demais negros do município, a maneira com a qual ela expressa e carrega 'uma verdade' do conhecimento que a ela foi transmitido. Pensando sobre os encaminhamentos da cultura de um povo, Bhabha (2013) define da seguinte maneira:

O conceito de diferença cultural concentra-se no problema da ambivalência da autoridade cultural: a tentativa de dominar em nome de uma supremacia cultural que é ela mesma produzida apenas no momento da diferenciação. E é a própria autoridade da cultura como conhecimento da verdade referencial que está em questão no momento da enunciação (BHABHA, 2013, p.70).

Assim sendo, a maneira de expressão cultural da bagagem de conhecimento adquirido por dona Juscelina a destacou dos demais negros da comunidade, pois, a mesma tem suas opiniões, crenças e visões que produzem um conceito de cultura único para esse quilombo. É fato que essa comunidade luta por direitos e por um território para vivenciar as práticas de sua cultura, que certamente serão melhoradas com a oportunidade de convivência mais próxima uns com os outros. Esse trabalho de conclusão de curso foi produzido a partir de pesquisas realizadas nesse município, especificamente com a Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

2. PENSANDO METODOLOGICAMENTE A PESQUISA.

Objetivando apresentar os métodos para coleta de dados e os colaboradores, tratamos nesse segundo capítulo sobre a metodologia da pesquisa acerca das representações da cultura quilombola nas narrativas e histórias de vida da matriarca e dos anciões de Muricilândia-TO.

Iniciamos com **Pesquisa qualitativa e história de vida**, apresentando os métodos para coleta de dados para realização do trabalho. Em seguida, é abordado **Participantes da pesquisa, perfis e o método da história oral**, onde descrevemos os perfis dos colaboradores dessa pesquisa.

Por fim, esse capítulo trata sobre a Teoria da Representação Social, apresentada por Sergi Moscovici, na qual discorre sobre ideias e crenças que recordam um determinado ser ou objeto, para discorrer brevemente acerca disso elaboramos o tópico **Permeando brevemente pela TRS (Teoria da Representação Social)**.

2.1 Pesquisa qualitativa e história de vida.

A realização desse trabalho é a partir da pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador uma interação com o objeto, bem como com a coleta, com o registro e com a interpretação dos dados, através de um estudo mais profundo dos fenômenos estudados, sendo estes as práticas dos indivíduos ou grupos no seu ambiente.

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, temos os seguintes elementos fundamentais em um processo de investigação: 1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; 2) o registro de dados ou informações coletadas; 3) a interpretação/ explicação do pesquisador (GUERRA, 2014, p.11).

Na pesquisa qualitativa é envolvida a coleta de dados de variados materiais experimentais, e a história de vida é uma das maneiras de realizar essas coletas, para Chizzotti (2013, p.103) “história de vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos de sua experiência vivida”. Esse trabalho é definido como uma pesquisa qualitativa, realizado através da história de vida, visto que serão analisados relatos de experiências pessoais

dos indivíduos de forma oral, por meio de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, no caso desta pesquisa, os indivíduos que a compõem, discorrem suas subjetividades com base nas visões políticas, ideológicas, pessoais, coletivas, expressam emoções e diversos outros 'sentimentos' ao longo do processo de narrar. Assim, suas histórias de vida e narrativas são analisadas de forma detalhada, possibilitando desta maneira uma interpretação acerca das representações sociais do sujeito quilombola sob a luz da Teoria Representação Social (TRS) de Serge Moscovici.

A história de vida, como método, se faz necessária nesse trabalho, pois, como aponta Thompson (1935) em todos os sentidos a história é necessária, no meio político, social, científico e tecnológico, para entender os ambientes e os modos de vida das pessoas desses espaços, assim como a evolução de algo ou alguém. Uma forma de se conseguir algo mais penetrante acerca da história de uma pessoa, uma comunidade, uma sociedade é através da evidência oral, porque ela modifica os objetos de estudo em sujeitos, deixando a história com uma riqueza maior.

2.2 Participantes da pesquisa, perfis e o método da história oral.

A metodologia utilizada nesse trabalho é o método da história oral, nesse tipo de pesquisa, de acordo com Chizzotti (2013, p.107), "o investigador reúne informações orais de uma ou mais pessoas sobre eventos, seu contexto, suas causas e efeitos." Assim sendo, como destacou o autor o que caracteriza a história oral é a coleta de dados.

Investigar a história oral é estar próximo da vida dos seres humanos. É importante conhecer o método da comunicação, observar a expansão da linguagem e aproximar-se de uma cultura, porque esses processos fazem parte da metodologia de ocorrência da oralidade. Fazer história oral é criar conhecimento, e não apenas produzir um relato metódico da vida das pessoas, Amado e Ferreira (2006, p.17) ressaltam que "fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos 'outros'". O aprendizado

da história oral não é diferente dos demais, contudo, para a aprendizagem ocorrer é necessária uma aproximação dela.

E todos nós temos lembranças acerca de nossas vidas, algumas não são possíveis lembrarmos a partir de nossa memória, então adquirimos essas lembranças por meio de outras pessoas. Nossas lembranças são coletivas, porque por muitas vezes são lembradas por outros, mesmo em momentos em que só nós participamos delas, isso pode ocorrer porque quase nunca estamos sós. É possível observar que quando estamos com outras pessoas é provável reconstruir com detalhes algo que ocorreu, mesmo que não nos lembremos do que aconteceu. Uma pessoa pode detalhar muito bem o que aconteceu, pois o que fizemos ou dissemos pode ser reconstruído por outra pessoa sem a nossa ajuda (HALBWACHS, 2006).

Porém, todos nós organizamos nossas memórias de uma maneira particular, a partir de memórias retiradas dos meios e dos grupos, portanto a memória se faz de aspectos coletivos e individuais. Sendo assim, trazendo para o rol a Comunidade Quilombola Dona Juscelina possui memórias variadas, tanto individuais quanto coletivas, que serão analisadas sob o seguimento do objetivo geral que se propõe, a saber: as formas de representação da cultura quilombola presentes na comunidade Dona Juscelina através das histórias de vida dos anciões e sua matriarca dona Juscelina.

E sob esse posicionamento, as memórias desses *ethos* serão colhidas por entrevistas abertas, sem engessamento de perguntas, apenas seguindo tópicos para que o narrador possa assim ater-se aos fatos memoráveis de forma lúcida e clara através da metodologia de história oral.

O processo de levantamento da narrativa oral de uma pessoa ou comunidade acontece também por meio de entrevistas. Realizar uma entrevista para determinada pesquisa não é o suficiente para a metodologia da história oral. Amado e Ferreira (2006, p.269) destacam que “[...] a realização de entrevistas é apenas o primeiro passo no processo da história oral, processá-las e tornar disponíveis nossos materiais são passos igualmente importante.” Como afirma as autoras é preciso analisar e organizar as entrevistas para torná-las acessíveis, tangíveis.

Assim, realizar uma entrevista pode ser o primeiro passo, e talvez o mais importante para a análise de uma história oral. Visto que diante de muitas

informações e detalhes sobre a vida de alguém ou de uma comunidade as narrativas de vida são mecanismos necessários para a concretização dos fatos.

A pesquisa tem a intenção de observar se os ensinamentos transmitidos pela matriarca do quilombo são exercitados pelos quilombolas da sua comunidade. Então este trabalho foi realizado a partir de entrevistas com pessoas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, tais entrevistas foram analisadas de acordo com o objetivo da pesquisa. Pretende-se observar como esses indivíduos entrevistados por meio das suas narrativas, preservam, utilizam e valorizam suas histórias de vida juntamente com os demais membros do ambiente em que eles vivem.

Segue na próxima página um quadro com o perfil dos colaboradores da pesquisa.

Quadro 1: Síntese dos colaboradores da pesquisa.

Colaborador	Origem*	Idade	Nacionalidade	Naturalidade	Formação	Profissão
Cicera Vieira Almeida	Muricilândia-TO	66	Brasileira	Guadalupe-PI	Ensino técnico	Aposentada
Eduarda Ribeiro Balagão	Muricilândia-TO	62	Brasileira	Muricilândia-TO	Ensino médio	Estudante
Lucelina Gomes dos Santos	Muricilândia-TO	86	Brasileira	Nova Iorque-MA	Ensino fundamental incompleto	Pensionista
Ludimila Carvalho dos Santos	Muricilândia-TO	14	Brasileira	Araguaína-TO	Ensino fundamental incompleto	Estudante
Luiza Borges de Oliveira	Muricilândia-TO	65	Brasileira	Geromenha-PI	Ensino médio	Aposentada
Manoel Pereira Borges dos Santos	Muricilândia-TO	75	Brasileiro	Loreto-MA	Ensino fundamental	Lavrador
Manoel Filho Borges	Muricilândia-TO	45	Brasileiro	Muricilândia-TO	Ensino superior	Secretário da Educação de Muricilândia

* Local da entrevista

As entrevistas ocorreram mediante explicação da proposta do trabalho, dos objetivos a serem atingidos na pesquisa e que os participantes cientes e de acordo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, que encontra-se disponível no anexo 2.

Os colaboradores foram escolhidos de acordo com a disponibilidade dos mesmos, visando suas histórias de vida e buscando encontrar nas suas narrativas relatos da história do município e do quilombo, bem como suas visões acerca do quilombo e dos seus quilombolas.

O local de coleta das narrativas foi em conformidade com a intenção e vontade do colaborador, pois bem como afirma Thompson (1935) o entrevistado deve se sentir confortável para compartilhar suas memórias, que outrora era na residência dos próprios entrevistados, ou na Secretaria da Educação como ocorreu com senhor Manoel Filho, mas todas ocorreram na Comunidade Quilombola Dona Juscelina localizada no município de Muricilândia.

É importante se atentar para o objetivo da pesquisa, pois os testemunhos precisam ser caracterizados e organizados de acordo com a finalidade da mesma, pois as entrevistas têm que ter sua coerência adequada ao objeto de estudo.

Na elaboração deste trabalho, foi necessária a participação de sete colaboradores, são eles pessoas da comunidade quilombola, incluindo a matriarca e mais quatro anciões, também um adulto e uma adolescente. A matriarca é dona Juscelina, pessoa na qual busca-se observar em suas narrativas as representações quilombolas, a outra anciã é dona Cicera Vieira Almeida¹¹ que conta muito acerca da história do município, ela é uma das primeiras habitantes, pois chegou em Muricilândia dois meses depois de a cidade ser descoberta, as duas fazem parte do grupo de Griôs do quilombo.

Os Griôs como afirma Manoel Filho, são os contadores de história da comunidade, escolhidos na intenção de preservar a memória do município e do quilombo. Griô, que é o mesmo que Griot. José Ricardo de Carvalho descreve

¹¹ Cicera Vieira Almeida nasceu em 1951 em Guadalupe no Piauí, é aposentada e vive em Muricilândia. Sua família foi uma das primeiras a se instalar no município, ainda em 1952. Filha de Carlindo Ferreira de Almeida e Antonia Vieira Gomes.

Griot como sendo uma pessoa que é representada como aquela que preserva a cultura.

O griot é uma figura emblemática que representa o papel daquele que preserva a cultura e as tradições de diferentes países que se encontram no continente africano. [...] Podemos dizer que o papel do griot é preservar a memória e promover a integração das coletividades, atualizando os símbolos construídos historicamente.(CARVALHO, 2014, p.320).

Como observa Manoel Filho, o griô foi trazido para o quilombo como um contador de história, pois surgiu com o propósito de contar história, visto que em outras comunidades africanas, de onde veio a definição, o aprendizado ocorria espontaneamente através da transmissão de narrativas orais.

Esponaneamente na comunidade ali eles iam aprendendo e a criança crescia e ia passando pros outros, então a história era passada assim. E essa ideia de griô aqui na comunidade surgiu com esse propósito ai, porque o griô, quando fala griô ancião já requer aquele respeito, né? [...] Ninguém olha pra um ancião, eu acho que quando, quando foi difundida a ideia de griô aqui a gente começou até a valorizar mais o nosso ancião (MANOEL FILHO, 2017, ENTREVISTA).

Outra anciã é dona Eduarda Ribeiro Balagão¹², esta não faz parte do grupo de Griôs do quilombo, mas tem muitas informações acerca da história de Muricilândia, por isso fez-se necessária sua colaboração.

Os demais anciões são casais, respectivamente seu Manoel Pereira Borges dos Santos¹³, outro Griô e dona Luiza Borges de Oliveira¹⁴, os dois têm muitas experiências vividas no município, são os pais de Manoel Filho Borges que é um quilombola muito ativo e presente na comunidade, que segundo as palavras assertivas de dona Juscelina, um “braço forte”.

Ludimila Carvalho dos Santos é uma menina ativa, está à frente do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Quilombolas (NEAQ) na escola onde frequenta, Escola Estadual de Muricilândia. Todas essas pessoas atuam de forma diferente na comunidade, alguns fazem parte do grupo de Griôs, outros atuam na diretoria, a maioria deles são ativos na organização dos eventos e festividades da comunidade. Todos praticam diferentes religiões, mais

¹² Eduarda Ribeiro Balagão nasceu em 1955, é estudante e vive atualmente em Muricilândia. Filha de um dos primeiros habitantes do município, José Ribeiro da Silva.

¹³ Manoel Pereira Borges dos Santos. Natural de Loreto no Maranhão nasceu em 1942. É lavrador e vive em Muricilândia. Filho de Manoel Pereira e Joaquina Souza.

¹⁴ Luiza Borges de Oliveira é aposentada. Natural de Geromenha no Piauí nasceu em 1952. Filha de Maria Moreira de Oliveira e Antonio Borges de Oliveira, casada com Manoel Pereira Borges dos Santos desde 1969.

procuram preservar e manter vivo aquilo que o quilombo Dona Juscelina considera cultural (o festejo do dia 13 de Maio).

Nesses termos, busca-se neste trabalho analisar as diversas representações sociais desses indivíduos, para Moscovici (2003) as pessoas criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Portanto, investigou-se a convivência entre si e com a matriarca têm influenciado as representações que a comunidade tem de quilombo. Moscovici acrescenta que:

Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem dão a oportunidade ao nascimento de novas representações (MOSCOVICI, 2003, p.41).

Entendemos que representações não são criadas isoladamente, e vamos fundamentar mais, discutir sobre esse ponto. Este trabalho buscou compreender como esse grupo de pessoas, assim como os demais indivíduos desse quilombo, mantêm as representações que se tem acerca da cultura da comunidade e da imagem de dona Juscelina como matriarca e detentora de 'grande conhecimento' dessa cultura.

2.3 Permeando brevemente pela TRS (Teoria da Representação Social).

Tentando explicar fenômenos sociais em uma perspectiva coletiva, mas com a individualidade, Serge Moscovici é o primeiro pesquisador a dar base teórica a Teoria da Representação Social em 1961.

Buscando tornar algo não familiar em algo familiar, categorizando e nomeando ideias e acontecimentos que em outros momentos anteriores não tínhamos contato, podendo permitir modificação por meio de interação.

Quando trazemos na memória alguma coisa que não existe mais, uma lembrança, por exemplo, estamos fazendo também uma representação. Mas é de igual importância, saber que essas representações existem para satisfazer algo do presente, o que fazemos, ou o que existe agora.

Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. [...] Consequentemente, o status dos fenômenos da representação social é o de um simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando um clichê que se torna um emblema (MOSCOVICI, 2003, p.216).

Moscovici, diz que mudou-se a concepção de representação a partir de 1920, quando a visão se estendeu para antropologia, filosofia e linguística.

Devemos reconhecer que na década de 1920 a ideia de representação coletiva ou social na sociologia se espalhou pela antropologia, fecundou na linguística (por exemplo, Saussure) e entrou na filosofia e epistemologia (MOSCOVICI, 2003, p.288).

Para Moscovici, Piaget e Vygotsky são importantes para definir a ideia de representação. Moscovici (2003, p.286) aponta que “A ideia de representação social ou coletiva tornou possível o casamento da antropologia e a psicologia dentro de um referencial desenvolvimentista.” E essa concepção dá início com a visão de Durkheim na qual “o ambiente natural dos seres humanos é a sociedade” (MOSCOVICI, 2003, p.287). Para Durkheim a sociedade é conjunto de crenças, normas e linguagens.

Na visão de Durkheim as representações coletivas ou sociais são vistas como a ação que move a sociedade que pode se comunicar ou se transformar. Como consequência, as representações coletivas ou sociais não podem ser explicadas com acontecimentos menos mistos do que os fatos que regem a interação social, ou seja, não podem ser explicados pelos conceitos da psicologia individual. Para Durkheim o social é racional e o racional é social (apud MOSCOVICI, 2003, p.287).

Na visão de Vygotsky as crianças em torno de 5 anos, são capazes de separar objetos de acordo com alguma coisa real, que de certa forma irá influenciar o curso das suas representações. Na visão de Piaget o indivíduo é mediado pelo seu grupo, assim como a criança é focada em si mesma, as pessoas são subordinadas por grupos. Portanto suas representações são inexplicáveis à experiência, seja numa visão de si mesmo ou do grupo em que ele está inserido (apud MOSCOVICI, 2003).

Indo além da formulação de conceitos acerca de um fato, a TRS é uma teoria que leva em consideração os saberes sociais, diferenciando-os das opiniões. Os conceitos de ‘ancoragem’ e ‘objetificação’ são utilizados para familiarizar o desconhecido.

O processo de Ancoragem é onde a pessoa procura classificar, conhecer e encaixar o não familiar, quando a mesma já o tornou familiar, ela torna aquilo que antes era abstrato em algo concreto, essa transformação do pensamento em algo existente é a objetificação.

Segue abaixo o quadro 2, para exemplificar a ideia de Ancoragem e Objetificação.

Quadro 2: Ancoragem e Objetificação

Ancoragem	Objetificação
<ul style="list-style-type: none"> • Classificar; • Rotular; • Situar algo dentro de uma categoria; • Procurar algo para encaixar ao não familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Transformar o abstrato em algo quase físico; • Transformar algo que existe no pensamento em algo que existe na natureza; • Tornar visível uma realidade.

Fonte: Moscovici (2003).

Essa teoria (TRS) é importante para descrever a realidade, tendo relação com a opinião pública e, levando em consideração a avaliação do objeto, com as informações, as avaliações, as proposições e as reações. Organizadas de acordo com a formação social e a cultura, estão as proposições, as avaliações e as reações. Como organização dos conhecimentos coletivos, estão as informações. E as imagens são o que se constrói pelo coletivo acerca do objeto.

3. TRADIÇÕES, ENSINAMENTOS E NARRATIVAS DE VIDAS: COMPREENDENDO AS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO QUILOMBOLA DONA JUSCELINA, MURICILÂNDIA – TO.

Nesse capítulo trataremos sobre as visões de representação quilombola da comunidade. Para tal utilizamos falas dos nossos colaboradores. No primeiro ponto **E quem nos conta as histórias? Entre rodas de conversas, lá está o ancião**, são observadas as opiniões dos anciões acerca do quilombo e dos seus quilombolas.

O segundo **E tem mais para nos contar? Os quilombolas de Muricilândia**, trazemos as falas dos demais quilombolas, acerca das suas percepções do quilombo, e na intenção de observar qual o sentimento que a comunidade tem diante da matriarca, bem como a imagem que ela exerce diante dos quilombolas.

Buscando observar se os anciões são ouvidos e compreendidos pelo quilombo, sendo esta a pergunta que move esta pesquisa: de que forma as narrativas de vida da matriarca Dona Juscelina influencia e são representadas pelos (sujeitos) quilombolas de Muricilândia? Para responder tal questionamento trechos das falas de Ludimila são analisados na última parte desde capítulo.

3.1 E quem nos conta as histórias? Entre rodas de conversas, lá está o ancião.

Os anciões que colaboram com a pesquisa são cinco, dona Cicera Vieira Almeida, senhor Manoel Pereira Borges dos Santos, dona Luiza Borges de Oliveira, dona Eduarda Ribeiro Balagão e dona Lucelina Gomes dos Santos.

No intuito de analisar as narrativas dos anciões descendentes de escravos no município, tem-se como objeto de pesquisa, pautado nas representações sociais identitárias de quilombolas que esses sujeitos constroem para si e como os demais moradores dessa zona apreendem essas representações projetando-as em suas vidas.

Como na comunidade quilombola em questão tem-se contadores de histórias com experiências e peculiaridades próprias no jeito de transmitir, a primeira entrevista para realização desse trabalho foi com uma griô, que transmite seu conhecimento com narrativas cheias de vida, dona Cicera. Mas

não sendo a única griô do quilombo, essa pesquisa se utilizou das narrativas de mais dois deles, seu Manoel, mais conhecido como Dos Santos e a matriarca da comunidade dona Juscelina, que é a presidenta desse conselho formado por oito anciões.

3.1.1 Dona Cicera Vieira Almeida

“Meu avô contava pro meu pai, meu pai contava pra nós” (CICERA, 2017, ENTREVISTA). Dona Cicera inicia sua fala contando histórias que ouviu de seu pai. A mesma narra muito bem os fatos aprendidos, revisitando memórias coletivas. A narrativa é uma experiência passada de pessoa para pessoa. E a forma das narrativas, a priori, é a oral.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIN, 1994, p.198).

Há dois tipos de narradores: aqueles que viajam muito, e adquirem muitas histórias para contar e aqueles que não saem do seu lugar, e têm um conhecimento vasto acerca das tradições do ambiente em que ele vive. Dona Cicera tem essas duas características, ela narra histórias de suas viagens, pois viajou muito, e também tem muito a contar acerca do ambiente em que vive, sendo uma narradora completa. E diante das suas narrativas de vida dona Cicera traz experiências no município que mostram as dificuldades vividas pelos primeiros habitantes. E acerca de quilombo, quilombola, ela externa que dona Juscelina foi quem a apresentou os primeiros contatos com os termos:

KAMILA: Quando foi que a senhora ouviu falar em quilombo? Essa história de quilombola?

CICERA: Quilombola eu vi fa... quando a dona Juscelina chegou (CICERA, 2017, ENTREVISTA).

Dona Cicera traz a pessoa de dona Juscelina como alguém que foi responsável por mostrá-la o que é quilombo e ser um quilombola. Ela narra como ocorriam as primeiras festas, pois a mesma associa quilombo a festa que dona Juscelina sempre realiza, lembrando fatos da escravidão e pós regime escravocrata.

E para dona Cicera o fato de as pessoas estarem buscando conhecimento, a festa e, respectivamente, o quilombo estão ganhando maior notoriedade. E nesse contexto de busca de conhecimento a mesma insere os anciões dizendo:

É, depois do quilombo mermo, e aí, e hoje não, o pessoal tão buscando conhecimento, tão visitando as pessoas mais idosa, que essas pessoas idosa é que tem história, que tem coisa que já viveu muito. E a festa da dona Juscelina tá muito importante (CICERA, 2017, ENTREVISTA).

Dona Cicera acredita que atualmente o idoso esteja sendo mais valorizado na busca por conhecimento, o que torna o mesmo mais importante. Talvez ocorra pelo fato de as pessoas verem no ancião algo que seja proveitoso, através da validade que uma memória tem para alguém e que se pode definir sua representatividade. Uma história necessita ter relevância para ter possibilidade de reprodução. Segundo Thompson (1935) a preocupação com a representatividade é fundamental para que a história oral realize seu potencial. Mesmo que na maioria das vezes seu papel seja de complementar informação.

Assim sendo na busca por conhecimento o ancião traz, sem dúvida, algo de significativo para a comunidade, pois os mesmos têm muita coisa para contar, com muitas memórias valiosas, o grão complementa, formula, produz um entendimento que se faz cada vez mais necessário nessa comunidade.

3.1.2 Senhor Manoel Pereira Borges dos Santos

Manoel traz fatos da sua vida, infância, lembranças do momento em que sua família chegou a Muricilândia. Lembra que a cidade ganhou esse nome porque nas proximidades do rio havia grande quantidade de um fruto chamado murici¹⁵.

Entre detalhes da sua vida a convivência com dona Juscelina foi citada, e logo surge a ligação com a festa que ela chama de “Tradição do Rebolado¹⁶”. Mas percebe que não tinha ligação com a palavra quilombo, exprimindo assim sua visão política/ideológica acerca de como que a princesa Isabel é colocada na comunidade, naquele momento mais ainda, pois Juscelina chega em Muricilândia apresentando sua cultura, colocando Isabel como a única pessoa responsável pela libertação dos negros, o que não mudou ainda na mente de Juscelina e de muitos da comunidade.

¹⁵ Popularmente conhecido como murici essa fruta tem o nome científico de *Byrsonima crassifolia* (L.) Rich da família botânica da Malpighiaceae. Típica da região Norte e Nordeste do Brasil.

¹⁶ No município de Muricilândia é chamado de Rebolado, pois a festa contém muitas músicas e danças que são tocadas e dançadas com tambores. Passou-se a realizar essas danças depois da presença de Juscelina na cidade.

KAMILA: Urrum. Aí o senhor foi convivendo com a dona Juscelina depois que ela chegou? Ela chegou depois do senhor?

MANOEL: Foi ela chego depois, depois de, muito depois. Aí quando ela chegou, ela, ela trouxe para cá um essa tradição de do dos do rebolado [...] Nesse tempo num falava em quilombola. [...] É se falava, ela tinha o Rebolado que era uma festa, é da alforria dos negro, eles comemorava assim a festa, alegria dos negros de ter se libertado, né? [...] E coloca assim cumu a pessoa tão importante por esta liberdade a, a princesa Isabel [...] Então ela veio com essa, com essa festa para cá, todos os anos tinha os ensaios, e é desfile, o povo brincando, é uma brincadeira que acontecia, que nesse tempo de num tinha a diversão era mais pouca, tinha festa mas num era tão tanto assim, tinha brincadeira de roda, a gente brincava muito de roda também aos fins de semana no tempo de rua né? É tinha essa, essa brincadeira do 13 de Maio, que era a maior festa que tinha assim, é a comemoração a alforria dos negros (MANOEL, 2017, ENTREVISTA).

O senhor Manoel lembra que Juscelina chegou com a festa, e como atualmente eram comuns os ensaios e os desfiles. Em suas lembranças o festejo era o maior evento que havia na cidade. Mas Manoel complementa em seguida sua fala com um apontamento interessante acerca da princesa Isabel.

Só que depois a gente fica sabendo que a, a, essa, essa liberdade foi através de pressão, não foi só bondade dela, mas pressão, o povo já tava muito é pressionado, já tinha muita gente já trabalhando nessa linha de libertar os escravo, e, e então aconteceu que tinha que libertar, ou libertava ou ia acontecer um problema pior (MANOEL, 2017, ENTREVISTA).

Manoel deparou-se no decorrer da sua vida com outras informações históricas, visto que muitas vezes a nossa memória tem apoio na história vivida e não na história aprendida, porque história é tudo que difere um período ou momento do outro, sendo aquela que os livros e as narrativas não apresentam por completo, e não uma ordem cronológica de acontecimentos.

Nossa memória não apoia na história aprendida, mas sim na história vivida. Por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e de datas, mas tudo o que faz com que o período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2006, pp.78-79).

Halbwachs continua dizendo que:

[...] é na memória histórica que temos que nos basear. É através dela que esse fato exterior à minha vida vem assim mesmo deixar sua impressão tal dia, tal hora, e a vista dessa impressão me fará recordar a hora ou o dia (HALBWACHS, 2006, p.80).

Percebe-se que se nós nos apoiarmos na memória histórica podemos saber algo que foi anterior a nossa vida. Assim sendo Manoel é um ancião com memória histórica e senso crítico. Questionado sobre a importância da festa, ele responde:

Eu acho importante o quilombo participar dessa festa 13 de maio. Agora eu acho que num pode ficar só por aí, acho que tem que ter um uma festa realmente no dia do quilombo, uma festa é na

característica dos quilombo. Que essa festa aqui é na característica da princesa Isabel, né? Da libertação do dos negro. Então eu achava que precisava ter uma festa mermo em, é dos quilombo, que falasse, que tratasse de, de assunto dos quilombos mesmo (MANOEL, 2017, ENTREVISTA).

Essa fala mostra que o senhor Manoel noticia um outro tipo de evento na comunidade, que possa tratar das lutas dos quilombolas, e enaltecer as figuras que atuaram com resistência nesse processo de libertação, que para ele necessitam de um maior reconhecimento.

Aí no, no quilombo tem um personagem muito, muito forte que fez tudo que podia fazer pra libertar os escravos que num é visto tanto assim, é esse ano eu vou cantar uma música que fala um pouquinho sobre ele. [...] É sobre Zumbi (MANOEL, 2017, ENTREVISTA).

Questionado acerca do posicionamento do quilombola com o próprio quilombo sobre a necessidade de reconhecimento, ele acha que as pessoas se envolvem pouco, e existe uma grande busca por benefícios.

Isso é complicado, olha, porque é fácil a pessoa é tomar atitude de que é quilombola, que pertence ao quilombo, é fácil, agora difícil é a pessoa sentir, se familiarizar, é no quilombo, porque assim como a gente, a gente se liga as pessoas é pelo, pela, pela, parente por exemplo, pelo sangue, né? [...] Quando a pessoa é tio, é primo, é parente, a gente se liga aquela pessoa que é o sangue da gente, a mesma coisa nós temos que nos ligar a, a essa família quilombo, né? (MANOEL, 2017, ENTREVISTA).

Tanto o senhor Manoel quanto a sua esposa a senhora Luiza percebem essas dificuldades em assumir a identidade quilombola que a comunidade ainda passa, diante do fato do negro não ter sido beneficiado como deveria diante da assinatura da lei Áurea, mostra que pode levar um certo tempo para a população negra se integrar na sociedade, como aponta Florestan:

As evidências a respeito são conclusivas indicam que ainda temos um bom caminho a andar para que a “população de cor”, sob hipótese de crescimento econômico contínuo e de persistência da livre competição inter-racial, alcance resultados equivalentes aos brancos pobres que se beneficiaram do desenvolvimento do país sob o regime do trabalho livre (FERNANDES, 2007, p.46).

É visível que no Brasil os “negros”, como aponta Fernandes, não tem total igualdade perante os “brancos”, e os quilombolas estão incluídos nessa realidade, a desigualdade econômica é sentida por muitos negros quilombolas.

O negro dessa comunidade sente dificuldade em se reconhecer como quilombola, pois não obtiveram certos reconhecimentos legais ou culturais, talvez o fato da busca por benefícios esteja atrelado a condição financeira, ao desfavorecimento, a exclusão dos negros ao longo anos, o que torna possível que leve um tempo para o total apropriação da causa do quilombo por parte de todos os quilombolas.

3.1.3 Dona Luiza Borges de Oliveira

Dona Luiza trata da falta da valorização da cultura negra por parte dos negros quilombolas na comunidade. Percebe que há uma falta de interesse por parte das pessoas negras, nos eventos que podem trazer mais reconhecimento ao negro e a cultura da comunidade.

KAMILA: Pois é. E assim, a senhora acha que o pessoal aqui, as pessoas do quilombo valoriza ou não se sente quilombola?

LUIZA: Rapaz eu, eu acho que valoriza, deveria valorizar muito mais, eu acho num tá o suficiente que deveria ser não. Porque a classe a gente vê que as vitórias vem através da luta da classe, quando não tem essa luta, esse abraçar da causa as coisa sempre é mais difícil, mas quando a gente vê a classe se unir sempre há vitória. E eu vejo assim, muitos aí tão assim disperso, agora esses dias mermo que o Manoel levou pra Araguaína pra apresentar lá na faculdade, rapaz as pessoas que realmente é a identidade do quilombo, que são bem negrinhos, não vai, não vai, a gente adula, peleja, vamo gente, vamos. Oh a Rosa Mirte não foi, porque ali é um retrato fiel, não é? [...] Mas os originais mesmo que dar mais peso na história fica poragular querendo se esconder da identidade, sabe?

KAMILA: Então não é só os mais jovens que se esconde não?

LUIZA: É nada, até os próprios velhos, não sei se por causa da cultura da leitura, não é? (LUIZA, 2017, ENTREVISTA).

Para dona Luiza a “leitura” pode ser o motivo pelo qual as pessoas da comunidade escondem suas identidades. Mas, como Munanga (s.d.,p.1) aponta “[...] a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas”. O negro no Brasil passou por uma história diferente do branco, portanto assumir determinada identidade é difícil.

Dona Luiza lembra-se que na sua infância teve contato com os escravos. *“Ficava toda vida assim, teve, teve a libertação, mas a história continua ali e fica toda vida assim meio de banda pra aquele pessoal” (LUIZA, 2017, ENTREVISTA).* Ela percebe que mesmo com os negros libertos eles ainda continuaram a viver em desigualdade.

Pois como aponta Florestan, o negro e o mulato estão na base dos impactos raciais, neutralizando muitos preconceitos na busca por uma possível aceitação social.

Nesse sentido, não são apenas “brancos” que bloqueiam a desintegração da ordem racial superposta à ordem social da sociedade nacional brasileira. Embora desejem *igualdade racial, justiça e reconhecimento*, o “negro” e o “mulato” estão na raiz da neutralização do impacto racial de processos acelerados de mudança social progressiva (FERNANDES, 2007 p.29).

O negro busca uma aceitação social, que ainda não tem por parte da sociedade, o quilombola está sempre em desvantagem, pois as conquistas

adquiridas ao longo dos anos não neutralizaram os anos de escravidão. E na história dessa comunidade é visível a busca pela valorização da cultura e aceitação. Diante disso dona Luiza aponta:

Mas eu tenho esperança que mais para frente, que as ideias novas vão amadurecendo, vão tomando consciência disso. [...] Aí eu acredito que aí vai ter mesmo um quilombo de verdade, aonde a classe valoriza o seu, a sua posição (LUIZA, 2017, ENTREVISTA).

Com o passar do tempo, as ideias e o conhecimento acadêmico que estão sendo adquiridos por parte de algumas pessoas da comunidade, terão maior participação dos quilombolas, e com isso uma maior valorização da cultura que o quilombo transmite.

3.1.4 Dona Eduarda Ribeiro Balagão

Ao realizar a entrevista com dona Eduarda o passado de sua infância no município de Muricilândia é retomado. Lembrar é repensar, mas também refazer, como aponta Bosi (1994, p.55), “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” Reviver experiências do passado com cenas de hoje constitui-se como uma forma de lembrar, porque “A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p.55).

Em meio as narrativas de vida de dona Eduarda há a história de Muricilândia, dos primeiros habitantes, a convivência com a família, as experiências vividas dentro do município, como a sua atuação na fundação da Primeira Igreja Batista da região. No meio da entrevista introduziu-se a questão do quilombo, quilombola, e ela ao ser questionada sobre o modelo de representação quilombola responde:

Juscelina. As netas dela. Pra te dizer a verdade o que eu acho mesmo mais aqui de representação é só a família dela. Porque a família dela é que, que foram realmente uns descendentes de escravos e que a gente conhece que eu conheço desde quando eu vim ao mundo, que quando eu me entendi por gente porque ela tinha chegado aqui é a família dela (EDUARDA, 2017, ENTREVISTA).

Percebe-se pela discursividade de dona Eduarda que a dona Juscelina é um modelo de representação quilombola bem como sua família que, para Moscovici (2003, p.40) trata-se de “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Na realidade, é isso que as caracteriza.” Com isso é possível observar que a característica da representação é a interação de pessoas e grupos, sendo assim

a partir do contato que dona Eduarda tem ou teve no passado com dona Juscelina, que se propagou e ressoa pelo tempo como um modelo de representação quilombola.

Na realidade, muitos na comunidade, se não todos, são descendentes de escravos. E por que ela elege Juscelina como um modelo de representação? Talvez pelo arcabouço cultural que dona Juscelina carrega em suas narrativas, pois a mesma deixa claro em suas falas que sua avó e seu tio foram cativos.

É importante ressaltar que dona Eduarda sente-se quilombola, mesmo não sendo da família de Juscelina, isso reforça o modelo de representação que ela tem, mas a mesma destaca que seu avô era descendente de escravo.

Eu sou quilombola. Me sinto quilombola assim, porque assim, não sou parente da Juscelina, mas o meu avô era descendente de escravos, que ele morou na... no Pé do Morro muito tempo, bem pretinho também sabe? Meus a, pai dele era escravo, né? E, e me sinto eu sou quilombola, né? (EDUARDA, 2017, ENTREVISTA).

Eduarda traz uma concepção quilombola, pois sente-se uma pelo fato de ser descendente de escravos, que também eram negros. Isso mostra que diferentes visões podem ser percebidas no quilombo, o que torna alguém quilombola é estar incluído em uma comunidade registrada, mas o sentimento é particular de cada indivíduo, todos podem criar para si interpretação e espelhar-se nela.

3.1.5 Dona Lucelina Gomes dos Santos

Essa pesquisa pretende observar as formas de representação de práticas quilombolas no município. Esse trabalho não tem a intenção de questionar a maneira como a festa é realizada, visto que para a matriarca essa festividade é muito significativa, pois a mesma sente-se liberta a partir do momento em que a lei Áurea foi assinada. Atribui à princesa o ato de libertação dos escravos, e em relação ao quilombo afirma:

O meu trabaio é 13 de Maio, quilombola é um galho que uniu com a minha, um, é um galho, negor de procurar vim do Rio de Janeiro me procurar pra mim dá uma pequena história pra eles, aí com isso eles vão juntando já formou esse galho de quilombola, e vai formar outa, vai formar outo. Mas é a festa é o 13 de Maio, eu não vou tirar o valor da princesa Isabel pá jogar enriba do negro que foi sofredor, né? Um? [...] Num pode. Ela foi em principi em lugar, ela foi em primeiro lugar e se arriscou tudo, ah? E se ariscou tudo pe, po, purus negro porque ela tinha o coração de Deus. Ela viu o pai judiar com as

negrada, tudo aquilo ela chorava, se sentia demais aquele sofrimento (LUCELINA, 2017, ENTREVISTA).

Todas as lembranças que dona Juscelina tem foram passadas oralmente, e principalmente as histórias que ela ouviu a respeito do momento em que ocorreu a libertação dos escravos. Por mais que exista toda uma quantidade de textos escritos, ela tem sua versão da história criada através das narrativas ouvidas. Para Ong (1998) a escrita amplia mundos, e a palavra falada é viva, os textos escritos são ligados ao que é sonoro, ou seja, à fala.

Porém, a despeito dos mundos maravilhosos que a escrita abre, a palavra falada ainda subsiste e vive. Todos os textos escritos devem, de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionados ao mundo sonoro, hábitat natural da linguagem, para comunicar seus significados (ONG, 1998, p.16).

Mesmo a escrita ampliando os mundos, o aprendizado das narrativas orais teve uma maior importância na vida de Juscelina, pois era o que ela tinha mais próximo no momento e era a forma que o seu tio passava as histórias. Quando questionada sobre como ocorreu a libertação dos escravos, ela conta que a princesa Isabel “[...] viu o pai judiar com as negrada, tudo aquilo ela chorava, se sentia demais aquele sofrimento [...]” (LUCELINA, 2017, ENTREVISTA). Continua dizendo que:

[...] aquilo ali ela tudo pra ela era um peso, um sofrimento, era um, ela se acabava mermo, e o pai [palavra inaudível] quando chegou o tempo dele que ele era oficial na, na, na, no, no coisa de, da guerra né? Soldadi tudo e aí foi chamado, e ela, agora com essa ausência de meu pai eu vou acabar com a escravidão no Brasil. [...] E assim chamou oito companheiro, e eles garantiro que ia ajudar ela, e disse, pois nós vamo terminar, nós vamo acabar cum a escravidão no Brasil com a ausência de meu pai. Aí eles se uniro e foro trabaia, trabaia, bateram caneta até que terminou tudo. Quando foi no dia 11 de maio ela mandou um telegrama pra meu tio, esse que me entregou o trabaio, Claro Preto do Saco hoje é 11 de maio tô terminado de assinar a os papel da lei aro, a lei vinte livre, a lei da abolição. Um? Ele teve muita alegria, tocou fogo na ronqueira, e foi cuncedido, muito alegre. Quando foi no dia 12 ele mandou, ela mandou outo telegrama, nesse tempo num tinha as coisa fácil, foguete ah vamo falar, não, era muito difícil. E quando foi no dia 12 as merma zora ela mandou outo telegrama, telegrama vinha pelo fio das luz, vinha pelo fio, a grussura de meu dedo era o papel e ali contava aquela historinha, contava aquele, aquela palavra, dava outo acolá o que tinha era necessidade, aí ele tornou alegrar. Quando foi no dia 13 de maio as quatro da manhã, no dia 13 que é o dia é a hora que eu saio aquela, aquele passeata na rua dando alegria, rum? Quatro hora da madrugada ela mandou outo, [simulando a fala da princesa Isabel] Claro Preto do Saco terminei as quatro hora vou assinar a lei areu, alei do vinte livre, a lei da abo, da abolição, e vocês não será mais cativo. Aí foi que foi um, festa foi como se diz, eu num era nem nascida. E ela assinou foi em 1888, um? O fim da era do outo século e eu nasci foi em 30, quando meu ti me entregou eu tava dento de 20 ano. E o certo que o pai dela chegou nesse dia (LUCELINA, 2017, ENTREVISTA).

A memória é vista como uma relação entre o presente e o passado, interferindo no processo efetivo das representações, já que estas ocorrem no campo da linguagem, pelo ato de comunicar, falar. Dona Juscelina traz na sua memória um passado que para ela ainda está relacionado ao presente.

[...] começa-se a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória não só o passado vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p.47).

A memória pode trazer o presente, porque mistura-se com noções diretas. Ela vem como força abstrata, mas ao mesmo tempo de forma prática, ativa e invasora do presente. O passado atua no presente, porque o corpo guarda estruturas do comportamento através da memória-hábito e por meio de memórias isoladas.

A matriarca da comunidade tem suas próprias opiniões e imagem do processo de libertação do negro, e ela as construiu por meio de narrativas de memórias de seus antepassados, na vida de dona Juscelina as lembranças passadas são atuantes no presente.

Lembranças essas que ela transmite para comunidade em suas falas, e traz traços que as tornam únicas, pois com elas ela formou suas opiniões, que resistem na realização de uma festa carregada de características, com músicas, danças e as memórias que mantidas pela matriarca quando realiza o teatro da abolição, que passa-se no momento em que a princesa Isabel assinou a lei Áurea.

Com o festejo da abolição a matriarca mantém viva a sua memória, e a dos seus antepassados, transmite seu conhecimento e suas opiniões, torna o quilombo característico e unido por busca de algum ideal, pois o que ela sempre pede é união principalmente na realização da sua festa, visto que o que ela visa é uma grande comemoração da libertação dos escravos.

3.2 E tem mais para nos contar? Os quilombolas de Muricilândia.

Esse trabalho conta com mais dois colaboradores, são eles Manoel Filho Borges e Ludimila Carvalho dos Santos. Os dois são quilombolas como os

demais, mas não são anciões e atuam de forma diferente desses na comunidade.

Os dois têm uma admiração tanto por dona Juscelina, quanto pelos demais anciões, além de exercem um posicionamento relevante na comunidade, construído a partir de um conhecimento diferente do dos demais anciões, eles o utilizam para buscar a valorização da cultura negra apresentada pelos primeiros habitantes negros ao município.

Como aponta Munanga (2003, p.14) “É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados”. As festividades, os discursos, as visões são percebidos como forma de resistência de uma cultura que é vista por toda comunidade como expressão de uma identidade negra.

3.2.1 Senhor Manoel Filho Borges

Um dos participantes e integrantes do quilombo, o senhor Manoel Filho relata que não vê na comunidade pessoas como um modelo de representação quilombola. Quando questionado ele responde que *“Ninguém. Pra ser sincero, nós vamos levar muito tempo ainda pra ter personagens da nossa própria história que se identifique de fato como um, um quilombola”* (MANOEL FILHO, 2017, ENTREVISTA). E acerca de dona Juscelina como modelo de representação ele diz que:

O pessoal vem no quilombo pra ver a dona Juscelina. Então se a gente olhar pro lado de personagem, o personagem que representa, se for nesse sentido que você estiver fazendo a pergunta, tudo bem, eu digo que seja ela. Entendeu? Porque ela é a imagem que reflete lá fora, entendeu? É o quilombo da dona Juscelina. Agora se você perguntar quem vivencia de fato, qual é a pessoal que vivencia a, a, a, que em si tá absolvido toda a essência do quilombola desde ações de, de, de despojamento, de luta nós vamos levar muito tempo pra ter pessoas assim (MANOEL FILHO, 2017, ENTREVISTA).

Serge Moscovici (2003) define representação como sendo algo imposto sobre as pessoas, tem a ver muito com o que se pensa, e já está formada antes de ser pensada, pois é produto de transformações que ocorrem no decorrer do tempo. Em relação ao ambiente em que vive o senhor Manoel Filho, e ao que ele imagina ser um quilombola como um modelo de representação, ele não vê na comunidade uma pessoa com tais características.

Moscovici, (2003, p.53) diz que “as representações sociais devem ser vistas como uma ‘atmosfera’, em relação ao indivíduo ou ao grupo.” Ele

também diz que “as representações são, sob certos aspectos, específicas de nossa sociedade”. Quando questionado sobre ser um quilombola, responde:

“Eu me sinto quilombola, e gostaria muito, muito, muito, muito que as outras 834 pessoas também se sentissem quilombolas. Eu não estou no quilombo por causa de benefício. [...] Eu estou no quilombo, eu sou, me sinto quilombola, sou quilombola porque eu sou negro [...]”
(MANOEL FILHO, 2017, ENTREVISTA).

O senhor Manoel filho sente-se quilombola, mas não elege nenhuma pessoa como modelo de representação, é possível que ele veja nas pessoas da comunidade uma busca por benefícios que não define de fato a luta do quilombo. E questionado sobre como deveria ser um quilombola, ele ressalta que é necessário uma aceitação por parte da pessoa, pois o lema da comunidade é “Uma luta a cada dia”. O negro necessita adquirir a cultura de resistência, ter identidade e lutar pelo o ideal do quilombo.

Então assim primeiro a pessoa tem que se aceitar como tal, não apenas por causa dos benefícios [...] Mas porque ser negro tem que se aceitar como negro e como pertencente a uma comunidade de negro com aquelas, não, o nosso quilombo hoje é diferente daquele do passado, né? [...] Mas nem por isso nós deixamos, a resistência continua, nós resistimos todo dia. E qual é o logo da nossa, da nossa comunidade? Uma luta... [...] A cada dia. As vezes a gente ganha, as vezes a gente perde, mas é lutando todo o dia, porque é um grupo de minoria, é uma comunidade de minoria. E o quilombola pra mim, pra que ele realmente seja quilombola tem que ter um a identidade é muito próxima da sua, com a sua comunidade. Entendeu? Ele tem que absorver a cultura, ele tem que defender, ele tem que lutar por aquilo, porque o ideal não é o dele é o ideal da comunidade. Entendeu? O ideal é de todos e tem que tá disponível pra comunidade. Eu num, eu acho que ser quilombola é muito fácil você dizer eu sou quilombola porque eu quero isso, porque eu, eu tô, eu, eu, meu filho tá querendo isso tal, mas quando o quilombo diz vamo aqui todo mundo, ai você se esquivava, né? Eu acho que aí não
(MANOEL FILHO, 2017, ENTREVISTA).

O que Manoel Filho define como quilombola, é aquele que tem uma identidade de resistência que, segundo Munanga, (s.d, p.1) “é produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante”. Esses indivíduos necessitam resistir contra poderes dominantes que tentam jogar o negro para a margem da sociedade.

E nesse contexto de resistência deve estar o quilombola, visto que tal não tem valorização da sociedade em geral, o quilombo como forma de resistência ainda necessita assumir essa identidade. Esse colaborador atua como um quilombola com identidade de persistência, de luta, e busca nos

demais quilombolas algo semelhante, para assim alcançar os ideais da comunidade.

3.2.2 Senhorita Ludimila Carvalho dos Santos

Em relação ao sentimento que a comunidade tem diante da matriarca, esse trabalho busca observar a imagem que a mesma exerce diante dos quilombolas. Para entender se os anciões são ouvidos e compreendidos pelo quilombo, utiliza-se trechos de falas de Ludimila, que ao ser questionada sobre como ela vê dona Juscelina responde:

Uma verdadeira líder, uma grande mulher, chamo de mãe Celina, mãe Juscelina, porque uma pessoa, uma parceira importante pro nosso município. [...] Pessoa essa que pegou mais de 500 crianças nas mãos. [...] Assim, uma verdadeira quilombola, uma verdadeira afrodescendente, ela vem nos transmitir bravura, força, determinação. Vem passar pra nós aquilo que realmente devemos ser. Um exemplo de pessoa, uma pessoa maravilhosa, um exemplo de mulher, de mãe, de avó, um exemplo de quilombola, realmente uma pessoa extraordinária, uma verdadeira líder, uma grande figura na história tanto de nosso quilombo quanto na história de nossa cidade, quanto na história de nosso estado, quando até na história de nosso Brasil, porque são poucas as pessoas que pegam o que ela pegou assim com as duas mãos e trabalha até o fim da sua vida, porque vemos ela hoje com oitenta e tantos anos, e assim dura, forte, corajosa, determinada, e engajada nas lutas, nos movimentos e uma pessoa exemplar (LUDIMILA, 2017, ENTREVISTA).

O sentimento de quilombola, afrodescendente que Ludimila exerce reflete uma imagem do negro na sociedade, aquele que busca conhecimento e entende a posição que ocupa. É importante ressaltar que as visões de negro e de raça empregadas hoje pela sociedade, trazem influências sobre o jovem quilombola, para Munanga esse conceito é ideológico:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. [...] De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam (MUNANGA, 2003, p.6).

A ideologia por traz da visão de raça reflete sobre o negro quilombola trazendo concepções de dominação, e este pode compreender que mesmo após o processo de abolição a escravidão da mente e corpo ainda não foi totalmente encerrada. Isso ocorre com Ludimila, ela percebe-se como uma afrodescendente que deve continuar lutando pela valorização do negro quilombola.

Ela exerce uma admiração pela pessoa de dona Juscelina, portanto é perceptível que a matriarca da comunidade opera influência sobre as pessoas que a cercam. Os demais anciões de tal modo refletem uma imagem de resistência para Ludimila, questionada sobre a forma que ela os vê, responde:

[...] são pessoas que realmente contribuíram para o nosso crescimento, pro crescimento de nosso patrimônio histórico e cultural, são pessoas que com a mesma determinação de dona Juscelina, nunca desistiram do seu ideal maior, a liberdade, nunca desistiram de ser pessoas realmente engajadas, pessoas determinadas. Pessoas onde vem trazer pra nós um grande exemplo de determinação, um grande exemplo de como ser, e ser um verdadeiro afrodescendente, um verdadeiro descendente, um verdadeiro quilombola (LUDIMILA, 2017, ENTREVISTA).

Quando é questionada quanto a quem ela vê como um modelo de representação quilombola Ludimila responde “*Dona Juscelina, por ser nossa matriarca, por trazer ela mesmo a festa do 13 de Maio, de animar nossa cidade, sê, ser realmente um exemplo de pessoa*” (LUDIMILA, 2017). É importante compreender o que Ludimila entende por quilombola. Quando questionada sobre o tema, Ludimila considera que:

“Quilombola é ser eu mesma, é viver, é sonhar, é amar, é relembrar, é relembrar o quê fui com bravura e jamais esquecer do que sou com paixão, com determinação. É ter raízes, é um dia ser raiz” (LUDIMILA, 2017, ENTREVISTA).

Diante disso, resta refletir com relação a importância dos ensinamentos passados pelos anciões, a resistência e luta no ato de enfrentar dificuldades impostas pela sociedade, é um ato de determinação. O posicionamento deles diante de dadas circunstâncias de opressão e desrespeito, as formas que eles encontraram para manter viva a cultura são percebidas hoje, não só pela população de Muricilândia.

Uma festividade que traz traços de luta e resistência nas músicas, danças e no ato de realizar a festa, a população do município reconheceu esses traços e junto com a matriarca passou a participar da festa, Ludimila percebe isso com clareza e discorre que:

A comunidade assim como a nossa cultura da cidade é entremeada da cultura quilombola, a cultura da cidade é a cultura quilombola, num tem como separar. E quando os nossos habitantes chegaram aqui e dona Juscelina trouxe essa festa, essa festa passa a ser uma festa histórica, uma festa que vai ficar marcada, uma festa onde começou os primeiros passos de nossa cidade. [...] Era uma comunidade católica, romeira, onde a cultura começou ser a cultura remeira, e dona Juscelina chega com a festa de Santo Reis, e começa também entremear no meio aquele povo e aí dona Juscelina também aparece aqui com a festa do 13 de Maio, desconhecida pros, é pros moradores que aqui estavam, mas que começaram a conhecer e que

como cultura, como história, como participantes daquele, daquela realidade. [...] Sendo eles a maioria negros, sendo eles a maioria descendentes de pessoas que foram escravizadas, eles se veem no meio, eles se veem naquele meio. [...] E como a história de Muricilândia começou nas nossas raízes e assim também a festa do 13 de Maio começou em nossa raiz, assim vemos essa festa do 13 de Maio como uma marca na nossa cultura, e sim uma cultura de nossa cidade (LUDIMILA, 2017, ENTREVISTA).

Como Ludimila (2017, entrevista) diz, a maioria dos negros são descendentes de pessoas que foram escravizadas, e a matriarca da comunidade entra no município com um evento que atrai a atenção de todos, isso porque a fala de dona Juscelina e as suas narrativas acerca do que ocorreu são carregadas de emoção, ela conta o que ouvia de seu tio com o mesmo sentimento de libertação que ele sentiu no momento em que ocorreu a libertação.

Essa festa, então, passa a ser cultural, pois o município passa a realizá-la todos os anos, juntamente com a pessoa de dona Juscelina, no ano em que foi realizada essa pesquisa ocorreu o 44º festejo da abolição com três dias de festa.

Na parte da noite nos dias 11 e 12 de maio de 2017 ocorreram apresentações culturais, com participação dos quilombos Cocalinho, Pé do Morro. Nessas duas noites a população do município foi bem participativa.



Imagem 1: Apresentação cultural do quilombo Cocalinho, no dia 12 de maio de 2017.

O teatro da abolição é um dos momentos mais importantes do festejo, ocorre sempre no dia 13 maio, a partir das 16:00 horas, os personagens que

participam dessa encenação são a família real, com destaque a princesa Isabel, os negros escravos e um fazendeiro com dois funcionários.



Imagem 2: Teatro da Abolição no dia 13 de maio de 2017.

Durante o teatro ocorre a encenação da assinatura da lei Áurea, a princesa Isabel após ver um fazendeiro agredir fisicamente dois negros, os colocando no tronco para castigá-los depois de tê-los flagrado tentando fugir, Isabel fica indignada diante dessa violência e assina a lei extinguindo a escravidão. Esses negros estão sentados, a maioria pintados com carvão, algo que também é cultural na festa, pois nos primeiros festejos algumas pessoas não sentiam-se negras o suficiente e começaram a pintar-se com carvão. Nesse momento esses negros levantam-se e alegram-se com o ato da princesa. Então a matriarca canta com a comunidade a música “Salve a princesa Isabel”, citada no segundo capítulo do texto.

Depois do teatro o festejo ocorre nas ruas da cidade, os quilombolas junto com a população da cidade e visitantes organizam-se em blocos e saem pelas ruas de Muricilândia cantando e dançando músicas de libertação. No fim da caminhada retorna-se para o local de início, em frente a casa da matriarca, onde sempre é servido um jantar, e a festa encerra-se com mais apresentações culturais de grupos de danças da comunidade e de quilombos vizinhos.

A comunidade além das festividades realiza um Seminário de Cultura Afro-brasileiro e quilombola, neste ano ocorreu o VI seminário, durante os dias 11 e 12 de maio, na parte da manhã e da tarde.



Imagem 3: VI Seminário de Cultura Afro-brasileira e Quilombola, nos dias 11 e 12 de maio de 2017.

O seminário contou com a presença de professores e representantes dos movimentos quilombolas, ocorreram diversas palestras com grande grau de conhecimento acadêmico e cultural.

O seminário que ocorre ao lado do festejo visa passar para a comunidade conhecimento com relação à cultura afro-brasileira e quilombola, sendo um espaço de troca de ideias. Com o saber acadêmico presente tende a aprimorar o senso crítico/ideológico do negro para aperfeiçoar as noções de mundo do negro quilombola, tornando possível prepará-lo para ambientes diversos onde o mesmo possa vivenciar de forma analítica a cultura da sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na intenção de responder a pergunta problema desse trabalho, que tenta compreender de que forma as narrativas de vida da matriarca dona Juscelina influenciam e são representadas pelos quilombolas de Muricilândia? E no intuito de alcançar o objetivo da pesquisa que foi analisar as formas de representação da cultura quilombola presentes na comunidade Dona Juscelina através das histórias de vida dos anciões e sua matriarca dona Juscelina.

Percebeu-se que o sujeito quilombola de Muricilândia vê como forma de representação da cultura a realização do festejo da abolição, que traz danças e músicas carregadas de histórias significativas e de narrativas materializadas pelas performances – orais e corporais -, e que são importantes para essa comunidade, funcionando como túnel da memória, revisitando aspectos históricos de luta, de resistência e de vitórias. A matriarca é atuante nesse sentido, pode-se dizer que sem sua pessoa esse quilombo não existiria com suas características tão particulares e significativas.

O quilombola que segue esses ensinamentos transmitidos pelos anciões busca aplicá-los de uma maneira que venha a aprimorar o conhecimento dos antepassados. O jovem dessa comunidade necessita ser atuante, pois a luta desse quilombo por direitos não se encerra quando esses anciões não estiverem mais entre eles. Deve-se ter o anseio por preservar memórias. As memórias são campos infindáveis de acessos ao que se construiu, viveu. Sabe-se que pelo passado revisitado há chances de elaborarmos um presente atuante pelas causas do sujeito negro ou grupos minoritários para que no futuro tais práticas tornem-se efetivas, viáveis na (con)vivência de diferentes classes sociais e raciais.

Além do fato de que o jovem sujeito dessa comunidade está inserido em outros ambientes além do quilombo, - os ambientes escolares e acadêmicos -, e com o intuito de aprimorar esse conhecimento e de transmitir noções de 'mundos' onde ele pode transitar e buscar reconhecimento para a comunidade, criou-se o Seminário de Cultura Afro-brasileira e Quilombola que juntamente com o Festejo da Abolição, trazem visões que podem acrescentar influencia na luta pelos direitos do quilombola.

Pra caracterizar a comunidade, entendeu? É isso, esse, esses ponto forte caracteriza uma comunidade. Agora num é só isso não, eu acho que num é só isso não, eu acho que é o envolvimento de todos, é o

comprometimento de todos, é o fortalecimento da identidade. Certo a partir do momento que eu, que eu me aceito como tal Kamila em qualquer lugar que eu tiver eu levo o nome da minha comunidade e vou tornando ela forte, e vou tornando ela conhecida, outra pessoa pode se interessar por aquilo e vim dialogar comigo, entendeu? A festa é o que torna conhecida a comunidade lá fora em termos de lá naquela comunidade eles fazem isso, e as pessoas vem muitas vezes, né? [...] eles tem que ter a oportunidade de interagir com outros aspectos da comunidade, né? O saber dos griôs, né? As manifestações é, é as outras formas de manifestações como as rodas, é o seminário que é um espaço de formação e tem, tem outros aspectos também que podem contribuir (MANOEL, 2017, ENTREVISTA).

O Festejo da Abolição caracteriza a comunidade, a torna conhecida, mas o quilombola necessita ampliar sua atuação, seu espaço. Interagindo com os saberes do Griô, com o seminário para levar a nome do quilombo nos diversos ambientes que ele possa ir, isso torna o quilombo mais forte, resistente e legitima cada vez mais as lutas seculares por visibilidade e valorização desse grupo.

Como negra e quilombola a universidade vem contribuindo para minha formação e empoderamento frente as diversidades que o sociedade brasileira racista impõe em suas inúmeras instituições. E sendo uma quilombola estudante ter o conhecimento científico da academia acabou favorecendo a acuidade de como criar posicionamentos fretes aos embates naturalizado nas práticas de racismo, em especial aos quilombolas.

Nesse sentido, é possível dizer que seguir e representar os saberes quilombolas é tornar vivo e significativo os conhecimentos/ensinamentos adquiridos com a matriarca e os Griôs, somando também aos seminários, para aplicar na vida reconfigurando seu papel de sujeito social quilombola dentro e fora da comunidade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8° ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

APA-TO. **Os territórios quilombolas no Tocantins**. 2014. Disponível em: <<http://www.apato.org.br/documentos/cartilha-quilombolas-do-tocantins-web.pdf>> Acessado em: 15 de agosto de 2017.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 2° ed. Belo Horizonte: editora UFMG, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história oral**. 7° ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3° ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição Brasileira**, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Uma história do povo Kalunga**. Brasília, 2001.

CARVALHO, José Ricardo. Educação, identidade e literatura oral: O griot na diáspora africana. **Revista Fórum Identidades**. ITABAIANA: GEPIADE, Ano 08, Volume 16 | jul./dez. de 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 5° ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2° ed. São Paulo: Global, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares – Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FUNDAÇÃO PALMARES. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>. Acessado em 18 de junho de 2017.

GERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. 2014.
GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XIII. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/>>. Acessado em 18 de junho de 2017.

INGRA. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/>>. Acessado em 18 de junho de 2017.

KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MANOEL LOPES DINIZ. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel_Lopes_Diniz>. Acessado em 08 de setembro de 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigação da psicologia social** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. s.d.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual da noção de raça, racismo, identidade e etnia**. 2003.

MÚSICA SALVE A PRINCESA ISABEL. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/paquito/salve-a-princesa-isabel>>. Acessado em 07 de setembro de 2017.

MURICI. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/murici> >. Acessado em 20 de setembro de 2017.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PADRE CÍCERO. Disponível em: < <http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-padre-cicero>>. Acessado em 02 de setembro de 2017.

ROMEIRO. Disponível em: <<https://oquee.com/romeiro/>>. Acessado em 07 de setembro de 2017.

SERRA DO MOCAMBO. Disponível em: <<http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/TO/parana>>. Acessado em 02 de setembro de 2017.

SERRA DOURADA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Estadual_da_Serra_Dourada>. Acessado em 09 de setembro de 2017.

SILVA, Giselda Shirley; SILVA, Vandeir José. Quilombos brasileiros: Alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. **Revista Mosaico**. v. 7, n. 2, p. 191-200, jul./dez. 2014.

SILVA, Simone Rezende. **Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra.** 2012

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares.** (s.d.) Disponível em:

<<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/quilombos-no-brasil.pdf>>. Acessado em 20 de junho de 2017.

SOUSA, Ruberval Rodrigues de. **Etnografia e história oral: evidências de uma comunidade remanescente de quilombo.** In XIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 2016, *Anais...* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

SOUSA, Ruberval Rodrigues de; FREITAS, Thyago Phellip França. **Brasil a cor do problema ou o problema da cor?** In: IV ENCONTRO DE LITERATURAS, HISTÓRIAS E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS, 2015, UESPI *Anais...* Universidade Estadual do Piauí – UESPI, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES ORAIS

Cicera Vieira Almeida, 21 de abril de 2017, duração (1 hora e 18 min.), arquivo disponível: mp3 e PDF; Local da entrevista: residência da colaboradora.

Eduarda Ribeiro Balagão, 23 de maio de 2017, duração (36 min.), arquivo disponível: mp3 e PDF; Local da entrevista: residência da colaboradora.

Lucelina Gomes dos Santos, 18 de maio de 2017, duração (1 hora e 18 min.), arquivo disponível: mp3 e PDF; Local da entrevista: residência da colaboradora.

Ludimila Carvalho dos Santos, 27 de junho de 2017, duração (43 min.), arquivo disponível: mp3 e PDF; Local da entrevista: residência da colaboradora.

Luiza Borges de Oliveira; Manoel Pereira Borges dos Santos, 29 de abril de 2017, duração (45 min.), arquivo disponível: mp3 e PDF; Local da entrevista: residência dos colaboradores.

Manoel Filho Borges, 18 de maio de 2017, duração (1 hora e 12 min.), arquivo disponível: mp3 e PDF; Local da entrevista: Secretaria da Educação de Muricilândia.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de perguntas

Roteiro de perguntas: Questionário 1

- Conte-me da sua vida, como tudo começou?
- De onde você é?
- Natural de onde?
- Qual sua data de nascimento?
- Quem são seus pais? E o nome dos seus avós?
- Você tem Irmãos? Quais? Quantos?
- Qual a sua profissão?
- Quando era criança, o que você fazia? O que seus pais faziam? E os seus irmãos? Onde vocês moravam e estudavam?
- Que histórias seus pais contavam? Tinha mais alguém que era responsável por contar histórias? Você pode me contar uma dessas histórias?
- Quando foi que você veio morar em Muricilândia? Com quem? Quando isso aconteceu? E por quê?
- O que aconteceu com seus pais? E o restante da sua família?
- Em Muricilândia, como foi a construção da sua família? E do quilombo?
- Quais as pessoas que você tinha como referência?
- O que você fazia para ir repassando as memórias, as identidades do quilombo, as experiências de vida de quilombo ao longo da sua vida?
- Como você foi ajudando a formar o quilombo? E o que você ainda tem feito para manter as memórias quilombolas? Quem as guarda? E quem você está preparando para repassar essas memórias? Quem você escolheu para contar suas memórias?
- Você tem registros das suas memórias (documentos escritos ou gravados)?
- Para você o que é um ser quilombola? E um quilombo, o que é? Você já foi chamado de crioulo, negro ou quilombola? Você acha que há diferença entre esses termos?

- Você se sente um quilombola?
- O que você sabe sobre o início do quilombo? Você sabe como surgiu essa comunidade quilombola?
- Você conhece alguma história de negros cativos e quilombolas de antigamente? De quem você ouviu essa história?
- Você acha que as pessoas da comunidade estão interessadas em aprender sobre o passado dos antigos desse quilombo e seus quilombolas?
- Você faz algo para guardar e preservar a memória dos antigos quilombolas e os seus antepassados? Como?
- Tem alguma coisa que você gostaria que fosse feito ou realizado na comunidade que ainda não aconteceu?
- Nessa comunidade quem você percebe como um modelo de representação quilombola?
- Como você se percebe dentro da comunidade como quilombola, importante, desconhecido, um exemplo/modelo a ser seguido?
- Você sente um envolvimento dos quilombolas com o quilombo? Jovens, crianças, adultos e os anciões no geral? Para você, como deveria ser um quilombola no quilombo Dona Juscelina?
- Em sua opinião, o que as pessoas fazem pelo quilombo? Por que elas são quilombolas? O que as pessoas dessa comunidade esperam desse quilombo?
- Os jovens dão atenção, procuram por seus ensinamentos/conhecimentos? E o restante da comunidade? Quem procura os conhecimentos?
- Poderia nos dar um exemplo de histórias da comunidade dona Juscelina que te impactou ou de algum outro momento na sua vida que houve algo marcante em ser um quilombola?
- Para você, o que é o dia 13 de maio para o quilombo Dona Juscelina? Essa data é importante para a comunidade quilombola? Quem incentivou a comemoração dessa data? Você concorda com a celebração do dia 13 de maio? Ou não há necessidade desse evento em Muricilândia?

- Essa comemoração faz parte da cultura no quilombo de Muricilândia? Por quê?

Roteiro de perguntas: Questionário 2

- Conte-me da sua vida, como tudo começou?
- De onde você é? Natural de onde? Ou você nasceu aqui em Muricilândia?
- Quem são seus pais? E o nome dos seus avós?
- Você tem Irmãos? Quais? Quantos?
- Qual sua data de nascimento?
- Qual a sua profissão? Ou você não trabalha?
- Quando era criança, o que você fazia? O que seus pais faziam? E os seus irmãos? Onde vocês moravam e estudavam?
- Que histórias seus pais contavam? Tinha mais alguém que era responsável por contar histórias? Você pode me contar uma dessas histórias?
- O que você sabe sobre a história de Muricilândia? Como que iniciou a formação do povoamento?
- Para você o que é um ser quilombola? E um quilombo, o que é? Você já foi chamado de crioulo, negro ou quilombola? Você acha que há diferença entre esses termos?
- Você se sente um quilombola?
- Nessa comunidade quem você percebe como um modelo de representação quilombola?
- Como você se percebe dentro da comunidade como quilombola, importante, desconhecido, um exemplo/modelo a ser seguido?
- Você acha que o seu trabalho (o que você faz) ajuda a comunidade de alguma forma? De que maneira?
- Você sente um envolvimento dos quilombolas com o quilombo? Jovens, crianças, adultos e os anciões no geral?
- Para você, como deveria ser um quilombola no quilombo Dona Juscelina?

- Em sua opinião, o que as pessoas fazem pelo quilombo? Por que elas são quilombolas? O que as pessoas dessa comunidade esperam desse quilombo?
- O que você sabe sobre o início do quilombo? Você sabe como surgiu essa comunidade quilombola?
- Você conhece alguma história de negros cativos e quilombolas de antigamente? De quem você ouviu essa história?
- Você acha que as pessoas da comunidade estão interessadas em aprender sobre o passado dos antigos desse quilombo e seus quilombolas?
- Você faz algo para guardar e preservar a memória dos antigos quilombolas e os seus antepassados? Como?
- Como você vê a dona Juscelina?
- Como você vê as outras pessoas mais velhas da comunidade? Você procura conhecimento junto as pessoas mais velhas da comunidade?
- O que você aprendeu com a dona Juscelina ou com alguma outra pessoa mais velha da comunidade?
- Como você acha que os conhecimentos, os ensinamentos desses mais velhos podem ser exercitados pelos mais jovens da comunidade? Somente por meio de eventos ou há outras maneiras de resgatar, preservar e reviver essas memórias dos quilombos?
- Você acha que a comunidade não precisa desses ensinamentos/conhecimentos, pois os tempos são outros?
- Você acha que os jovens dão atenção, procuram o ensinamentos/conhecimentos dos anciões? E o restante da comunidade?
- Poderia nos dar um exemplo de histórias da comunidade dona Juscelina que te impactou ou de algum outro momento na sua vida que houve algo marcante em ser um quilombola?
- Quem procura os conhecimentos dos anciões e da matriarca?
- Para você, o que é o dia 13 de maio para o quilombo Dona Juscelina? Essa data é importante para a comunidade quilombola? Quem incentivou a comemoração dessa data? Você concorda com a

celebração no dia 13 de maio? Ou não há necessidade desse evento em Muricilândia?

- Essa comemoração faz parte da cultura do quilombo de Muricilândia? Por quê?

Anexo 2: Termo de consentimento**TERMOS DE CONSENTIMENTO PARA USO DE DADOS****Universidade Federal do Tocantins – UFT
Campus de Araguaína – CIMBA
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

“O TCLE respeita a pessoa e sua autonomia, permitindo ao indivíduo decidir se quer e como quer contribuir para a pesquisa”. (Res.nº196/96)

Prezado (a) Senhor (a)

A aluna do curso de Letras da UFT, Kamila Ferreira dos Santos, solicita sua colaboração no sentido de que faça parte de uma pesquisa sobre representações quilombolas no município de Muricilândia. Junto com este convite para sua participação voluntária estão explicados os detalhes sobre o trabalho que será desenvolvido.

Título: Representações da cultura quilombola nas narrativas de vida da matriarca dona Juscelina e dos anciões de Muricilândia.

Pesquisadora: Kamila Ferreira dos Santos

O estudo traz como tema as narrativas de vida da matriarca dona Juscelina na comunidade quilombola de Muricilândia-TO. A pesquisa se justifica através da importância de observar e registrar as narrativas desse quilombo. O interesse pelo tema surgiu através da necessidade de analisar como os valores e ensinamentos aprendidos e transmitidos pela matriarca e dos anciões desse quilombo estão sendo seguidos pela comunidade pesquisada. A pesquisa será realizada durante o período de março a setembro de 2017 e terá como sujeitos colaboradores membros da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. O objetivo geral da pesquisa é analisar as formas de representação da cultura quilombola presentes na comunidade Dona Juscelina através das histórias de vida dos anciões e sua matriarca dona Juscelina.

É notório que um dos riscos que poderá ocasionar aos participantes da pesquisa é com relação aos constrangimentos em responderem algumas perguntas, mediada por um roteiro de entrevista, esquematizado pela pesquisadora, no sentido de que as memórias serão expostas, acontecimentos marcantes e talvez, podem ser carregados de um teor de desconforto ao ser lembrado. Todavia, isso poderá ser minimizado com a privacidade da entrevista e a permissão do participante avaliar e poder retirar alguma informação que porventura não esteja em acordo de ser publicada. Outra questão envolve na expectativa gerada pelo participante da pesquisa ao se deparar com a identidade que foi assumindo durante a categorização do estudo empírico, caso isso se diferencie da idealização que tinham de si mesmos. Serão respeitadas as normas da lei CNS: 196/96 quanto às pesquisas com seres humanos.

Enquanto durar a pesquisa, e sempre que necessário, o (a) senhor (a) será esclarecido (a) e informado (a) sobre cada uma das etapas do estudo por telefone, e-mail, *whatsApp* ou me procurar a qualquer momento (disponibilidade 24 horas) nos telefones e/ou endereços abaixo descritos, onde estarei disponível para quaisquer esclarecimentos.

Assumo o compromisso de trazer-lhe os resultados da pesquisa assim que o estudo for concluído e aproveito para informar que a sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, não havendo qualquer previsão de indenização ou pagamento e toda e qualquer despesa correrá sob a minha responsabilidade.

Espero tê-lo (a) informado, de maneira clara e objetiva. Caso haja qualquer dúvida, peço que se manifeste. Todas as páginas do presente documento foram elaboradas em duas vias sendo uma delas destinada ao senhor (a).

KAMILA FERREIRA DOS SANTOS
Rua 02
Muricilândia – telefones 63- 99286-3064
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Campus de Araguaína – CIMBA

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, abaixo assinado e identificado, declaro que fui informado (a) dos objetivos, riscos e benefícios da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e que compreendi perfeitamente tudo o que me foi falado sobre a minha participação na pesquisa. Estando de posse de minha capacidade psíquica e legal, concordo em participar do estudo de forma voluntária sem ter sido forçado e/ou obrigado e sem receber pagamento em qualquer espécie de moeda. Autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor obras diversas que venham a ser planejada, criada ou produzida pela pesquisadora KAMILA FERREIRA DOS SANTOS, aluna da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, localizado à Av. Paraguai, s/n, setor CIMBA, Araguaína, TO, CEP: 77814-970 sejam essas obras destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, *out-door*, entre outros) como também em mídia eletrônica (vídeo-tapes, filmes, documentários para cinema, televisão ou rádio, entre outros), internet, banco de dados informatizado, multimídia, CD ROM, DVD, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus à instituição ou a terceiros por ela expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural voltada à preservação da memória histórica, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Araguaína/ TO, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade (residência): _____

RG nº: _____

Telefone: _____